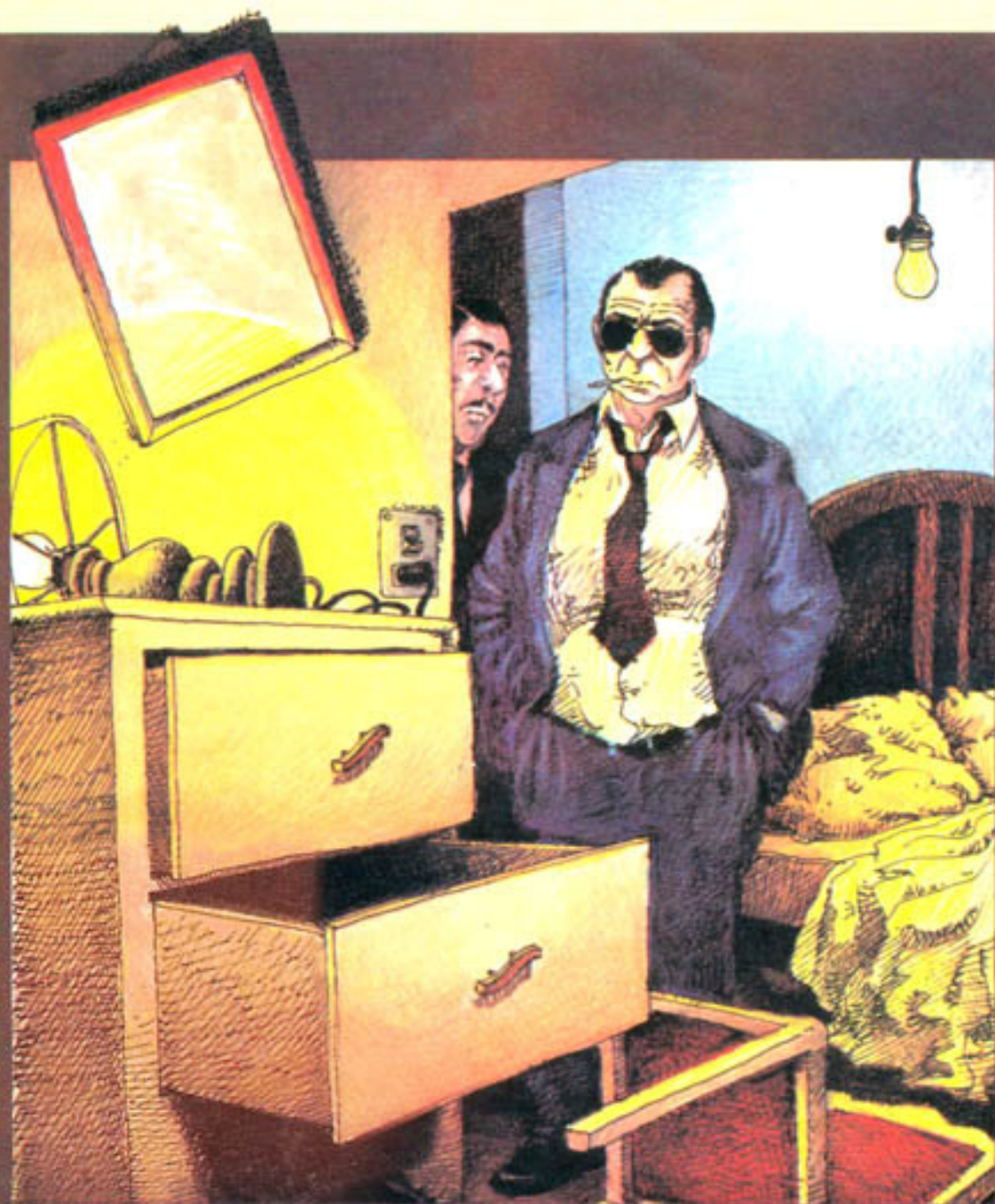


SYLVIO PEREIRA

A PRIMEIRA REPORTAGEM



ea
editora atica

Sylvio Pereira

A PRIMEIRA REPORTAGEM

SÉRIE VAGA-LUME

Editora Ática
1991

Coordenação da Série:
Fernando Paixão

EDIÇÃO DE TEXTO
Jiro Taicahashi e Fernando Paixão

Suplemento de Trabalho:
Laiz Barbosa de Carvalho

EDIÇÃO DE ARTE

Coordenação:
Antônio do Amaral Rocha

“Layout” de capa:
Ary Almeida Normanha

Ilustrações da capa/miolo:
Negreiros

Diagramação:
Elaine Regina de Oliveira

Arte-final:
René Etienne Ardanuy

E-book:
Recebido de: *The Flash*
Revisão e Formatação: SCS

ÍNDICE

Dados Biográficos	4
Roberto Encontra Beatriz	4
A Iniciação Do Futuro Repórter	7
O Novo Interesse De Roberto	9
Começa A Operação Seqüestro	12
No Refúgio Dos Bandidos	13
O Medo Impede A Polícia De Agir	17
A Lei Brutal De Valdomiro	20
A Revoltante Descoberta	26
Alceu Tenta Desistir	30
Roberto Procura Uma Solução	32
A Rebeldia De Antonio Pessoa	38
A Reação De Mariana	44
Descobre-Se A Pista	46
A Sinistra Decisão	49
Beatriz E Roberto Partem Para A Aventura	50
A Perigosa Invasão	54
As Dúvidas De Mariana	63
Chegam Os Companheiros	66
Mariana Desafia	68
Preparando O Assalto	72
A Vingança De Valdomiro	73
A Proeza Do Itamarati	75
A Perseguição	76
A Grande Luta	77
A Libertação E A Censura De Pessoa	81
O Repórter Em Ação	82
O Que Aconteceu Na Chácara	83
Surge O Novo Repórter	85
O Sentimentalismo De Nunes	88

DADOS BIOGRÁFICOS

Sylvio Pereira nasceu em São Paulo, Capital, onde estudou e sempre viveu. Iniciou-se na imprensa com 17 anos. Trabalhou nas redações do *Correio Paulistano* e na *A Razão* e chegou a diretor de *O Tempo*. Colaborou, diariamente, por vários meses, na *Folha da Manhã*, e, esporadicamente, em outros jornais e revistas.

Formou-se em Direito, na Faculdade do Largo São Francisco. Escreveu dois livros jurídicos e participou ativamente da vida política. Foi deputado estadual pelo antigo Partido Trabalhista Brasileiro. Ocupou cargos de relevância na administração federal.

Apesar dos afazeres de advogado, político, jornalista e também de professor, sempre reservou tempo para a literatura, tendo vários contos e dois romances publicados: *Nem a glória do inferno* (1º prêmio no Concurso Nacional do Clube do Livro) e *Dólares para Vitória*. Em breve, pretende lançar *O preço de um sonho* e *Amanhã começaremos a viver*.

Escreve com facilidade e rapidez, e seus romances giram entre a aventura e o suspense, com muita ação. Na sua opinião, a ficção literária deve procurar apresentar histórias de muita energia e movimento, em que o leitor participe através da criatividade e da imaginação.

ROBERTO ENCONTRA BEATRIZ

Roberto Malta subiu os degraus de dois em dois. Não que tivesse pressa. Precisava expandir a energia dos dezoito anos, cheios de vigor. Ainda eram treze horas e quarenta minutos, dispunha de vinte minutos para bater o cartão de ponto da redação do jornal *Notícias e Debates*.

O quadro dos cartões de ponto localizava-se junto à porta, entreaberta, do gabinete do chefe da Publicidade.

Viu Beatriz Aires, pela primeira vez. Estava sentada junto à porta.

Demorou-se, observando a figura esbelta, clara, cabelos alourados e compridos, que caíam nas costas. "Longos demais", pensou com superioridade.

— Esperando alguém? — indagou.

O sorriso irônico da moça ameaçou a pose com que a interpelara.

— Parece que sim.

— Podia estar apenas descansando.

— É verdade.

O riso levemente zombeteiro era intimidativo.

– Bem – disse Roberto, algo contrafeito. – Caso precise de alguma coisa...

Beatriz recriminava-se, intimamente: "Maldita mania de divertir-me à custa dos outros". Modificou a atitude. A voz surgiu quente e gentil:

– Não sei se pode ajudar, mas a verdade é que estou apavorada, à espera de entrevista com o Seu Artur Esteves.

– Ah, é o diretor do setor de Publicidade. Não se impressione com ele. É boa praça.

– Amigo seu?

Roberto hesitou, receando comprometer-se.

– Compreenda. Somos companheiros de jornal. Ele trabalha na Publicidade e eu, na Redação.

Acrescentou:

– Funcionário antigo. Excelente pessoa. Que deseja dele?

– Emprego. E preciso muito, principalmente por causa do horário. Não atrapalha os estudos.

– Que espécie de serviço?

– Datilografia.

Não disfarçou o ar de dúvida, avaliando a figura da moça. Não lhe atribuía mais de quatorze anos, mas ela já chegara aos dezesesseis.

– Por que o espanto? Saiba que sou boa datilógrafa. E estenógrafa, também – acrescentou, desafiadora.

– Calma! – acalmou ele. – Nada de briga. Para mim, você é a melhor estenodatilógrafa que existe. Uma espécie de Prêmio Nobel da matéria.

Riram. Alguém subia a escada. Roberto falou, em voz baixa:

– O "inimigo" aproxima-se. Prepare-se para a batalha. Dirigiu-se ao recém-chegado:

– Bom dia, Doutor Esteves. Essa moça procura emprego. Parece que escreve bem a máquina.

– Sua conhecida?

– Mais ou menos – foi a resposta hesitante. O velho Esteves passou por Roberto que se encontrava no hall e, da porta do gabinete, avistou a jovem. Voltou-se para Roberto e observou, rindo:

– Se fosse feia, na certa nunca a teria visto.



— Bom dia, Doutor Esteves. Essa moça procura emprego.
Parece que escreve bem a máquina.

Com falsa rispidez, ajuntou:

— E agora trate de cuidar do seu serviço.

Sorrindo, o moço encaminhou-se para a Redação, enquanto Esteves falava a Beatriz:

— Vejamos se é tão boa datilógrafa quanto hábil em relacionar-se.

A INICIAÇÃO DO FUTURO REPÓRTER

O secretário da Redação, Geraldo Nunes, abria a correspondência. Começava a trabalhar à uma hora da tarde, examinando os jornais da cidade, do Rio e de Brasília. Precisava fiscalizar, para ver se *Notícias e Debates* não omitira informação importante, não levara "furo", como se diz na gíria jornalística.

— Oi, Nunes.

O secretário grunhiu resposta ininteligível. No primeiro dia de trabalho, Roberto tratara o secretário de "Seu Nunes", sem saber que provocava uma de suas despropositadas birras. A reação atordoou o rapaz.

— Para começar — rosnou o secretário —, "Seu" Nunes é a vovozinha. E mais: se me chamar outra vez dessa forma, vai para a rua.

Os poucos redatores presentes divertiram-se com a perturbação de Roberto, que arriscou:

— Então como devo chamá-lo?

— Você parecia menos tapado! Seu nome não é Roberto? Pois o meu é Nunes. Fácil, não é? — indagou, com ironia feroz.

A agressividade do secretário era superficial. Embora pronto a criticar e a insultar repórteres e redatores, ninguém levava a sério o seu mau humor constante. Sabiam-no falso. Gozava da confiança dos companheiros, porque estava sempre disposto a auxiliar, a estimular e a defendê-los perante a administração, mas sem renunciar à atitude de falso valentão.

Roberto trabalhava no jornal havia poucos meses. Com a morte da mãe, no Paraná, viera para São Paulo, convidado por um tio solteirão, que se julgara no dever de ampará-lo.

Mas Roberto tinha dificuldade em adaptar-se à vida no apartamento, sem nada que fazer. Recordava-se, com saudade, dos espaços largos da terra natal, das caminhadas pelo bosque, dos banhos

no riacho de água clara e gelada, das peladas, da alegre companhia de amigos com os quais convivera desde a tenra idade.

Por isso, recebeu com satisfação a notícia de que tio Jonas lhe arranajara emprego. E a alegria transformou-se em entusiasmo, quando soube onde trabalharia num jornal, num conceituado jornal diário!

– Não pense que se transformará em jornalista, da noite para o dia. Será apenas um auxiliar de redação. Se você se esforçar e tiver vocação, fará carreira.

Advertiu:

– O diretor, Doutor Joaquim Soares Meira, impôs uma condição: recomeçará os estudos imediatamente.

Pigarreou, hesitante, ao acrescentar:

– Há uma vaga na Pensão Independência. Conheço a proprietária. Pessoa correta. Acho que você teria mais liberdade lá. Fica perto do jornal. Se interessar.

Roberto ficara perplexo. Replicou, inseguro:

– Para mim, está bem. Mas...

– Mas...

– Será que vou ganhar o suficiente para pagar a pensão?

– Certamente não, mesmo porque haverá outras despesas inevitáveis. Salário de quem se inicia em jornal é quase de fome. Obriga o profissional a defender-se em outras atividades. Você não poderia, por causa dos estudos.

– Veja o senhor como o caso se complica – disse Roberto, com um suspiro.

– Que nada! Combinemos o seguinte: do salário, reservará metade para condução e pequenos gastos; o restante aplicará no pagamento da escola e da pensão. Vai faltar, é claro, mas não se impressione: cobrirei a diferença mensal. E não pense que é donativo. Você tem condições de enfrentar a vida, dispensa caridade. Trata-se de empréstimo. Anotaremos o que lhe der, mensalmente. Pagará, com juros de seis por cento ao ano, assim que começar a ganhar o suficiente.

Acrescentou, com severidade forçada:

– Espero que seja logo. Trate de progredir.

No dia seguinte, Roberto instalou-se na pensão e apresentou-se, imediatamente, no jornal. Sentia-se entusiasmado. A atividade constante e variada, cheia de calor humano, fascinou-o, levando-o a decidir-se, em poucos dias. Seria o repórter audacioso e dedicado, disposto a enfrentar

riscos, para oferecer ao leitor a notícia exata, a reportagem vibrante e justa.

*

As refeições, na pensão, eram razoavelmente boas e o quarto, que partilhava com um viajante de casa comercial, constantemente em serviço, ficava geralmente apenas para o seu uso.

Familiarizara-se com as tarefas fáceis, determinadas por Nunes, esforçando-se para contentá-lo. Acreditava que sua capacidade para realizar serviços mais importantes e de caráter realmente jornalístico seria logo reconhecida. Confiava na própria capacidade.

Bem cedo seria posto à prova. Necessitaria de inteligência, coragem e decisão para enfrentar o grande desafio.

O NOVO INTERESSE DE ROBERTO

Roberto tivera um dia cheio. Além do trabalho na Redação, fora encarregado de apanhar as fotos do novo time de vôlei, do Club Atlético Paulistano, a sensação da temporada. Não voltara ao departamento de Publicidade, mas a lembrança de Beatriz estivera presente, com insistência quase irritante. Aqueles olhos luminosos e zombeteiros o acompanharam, todo o tempo.

Pouco depois das seis e meia, perguntou a Nunes:

— Alguma coisa para a Publicidade?

O secretário fungou, suspeito.

— Por que o interesse pela seção do velho Esteves?

— Só queria colaborar. Algum mal nisso?

Nunes abanou a cabeça.

— Nenhum, meu chapa.

Dirigiu-se ao redator esportivo, que se divertia, observando ambos:

— Ouviu, Frederico?

— Ora, deixe Roberto em paz.

— Que deve haver alguma novidade... Está bem. Deixe pra lá. Leve este envelope ao Esteves. Ainda há gente que confunde redação com publicidade.

Viu Beatriz, sentada à mesa da máquina de escrever.

— Onde está o chefe?

— Na oficina. Disse que volta logo.
— Parabéns. Vejo que arranjou o emprego.
— Graças ao prestígio de um jovem jornalista com o diretor do Departamento de Publicidade.

O comentário irônico atingiu o alvo. Roberto replicou, levemente irritado:

— Nunca afirmei que sou jornalista ou amigo de seu chefe. Falei apenas que trabalho na Redação. Olhou-a desafiador, mas logo a atitude adversa modificou-se. Observou, caçoando:

— Ora, ora! Uma comerciariazinha, porque publicitária não passa disso, querendo botar banca com um promissor funcionário da Redação!

A cabeça branca de Esteves apareceu na porta entreaberta:

— Pelo que ouvi, o meu jovem amigo menospreza a publicidade.

Roberto sumiria de boa vontade, mas o riso da garota deu-lhe ânimo para enfrentar a situação.

— Não, senhor. Divertia-me apenas, provocando a nova secretária. Reconheço a importância da publicidade.

Esteves não perdeu a oportunidade. Passou a destacar o papel desempenhado pela sua seção, assunto que o apaixonava. Roberto interrompeu-o, nervoso:

— Desculpe, Doutor Esteves. Gostaria de continuar a ouvi-lo. Estou interessadíssimo, mas na certa Nunes notou minha demora. E ele não é de brincadeira. A gente continua a conversa depois?

Esteves acenou, concordando, e Roberto precipitou-se para a Redação, pronto para suportar a descompostura.

Por sorte, secretário e redator-chefe encontravam-se no gabinete do diretor, Doutor Meira. Examinavam qual a atitude que o jornal tomaria, em face do aprofundamento das divergências entre o Governo e os empresários.

*

Oito da noite. Normalmente, Roberto retardaria a saída. Ficaria conversando com os companheiros de trabalho. Naquela noite, abandonou logo a Redação, detendo-se à porta do edifício.

Findava o expediente da Publicidade. Permaneceria apenas o empregado de plantão. O chefe regressaria, depois das onze da noite, para controlar a paginação dos anúncios.

Beatriz não tardou a aparecer, na porta.

– Oi. Estava me esperando? – indagou ela.

O rapaz coçou a cabeça meio encabulado, mas ela acrescentou, sorrindo:

– Que legal! Vinha louca para conversar sobre o novo serviço.

– Pois está na frente do melhor conversador do planeta. E também de um acompanhante atento. Serei seu guarda-costas, para defendê-la de bandidos, leões, tigres e fantasmas.

Encaminhando-se ao ponto de ônibus, ela dizia, sorridente:

– Não preciso da valentia, mas aceito o conversador e principalmente o ouvinte.

Ele parou e a moça imitou-o, curiosa.

– Um momento: como é seu nome? Acho que nem sabe o meu.

– Nada disso. Perguntei ao Doutor Esteves. Chama-se Roberto, vive só e estuda jornalismo. Quanto a mim: moro com minha mãe, serei psicóloga e meu nome é Beatriz.

– Beatriz!

Que tem meu nome? – perguntou, desconfiada.

– Devia ser mesmo Beatriz. Perfeito. Sempre gostei dele. Correspondia a uma garota alourada, de olhos claros e suaves, meio magra, mais ou menos como você.

Foi a vez da menina sentir-se embaraçada.

– Ora, deixe de bobagem. Fitou-a, com firmeza, e advertiu:

– Não pense que estou a fim de paquerar. Nunca fui disso.

Ela replicou, falando devagar:

– Percebi logo.

Ambos sorriram, ao recomeçarem a andar. O constrangimento desvanecera-se. Completaram, sem pressa, o trajeto até a praça Ramos de Azevedo, onde Beatriz tomaria o ônibus, conversando animadamente.

*

Acompanharia a garota, quase todas as noites, até ao ponto de ônibus. Num domingo, levou-a ao clube de que participava, por exigência de Jonas, entusiasta dos esportes, praticados por outros; o velho solteirão nunca se arriscara. Roberto retomara o treinamento de caratê, iniciado na cidade natal e em que se mostrava particularmente apto. Participava da turma dos mais fortes.

Passaram um dia feliz. Almoçaram sanduíche e refrigerante e, ao entardecer, foram ao cinema.

COMEÇA A OPERAÇÃO SEQÜESTRO

Deixemos os dois jovens com seus sonhos.

A ação transfere-se para o elegante bairro de Cidade Jardim, de ruas largas e arborizadas, margeando residências rodeadas de canteiros floridos.

Passava um pouco das seis horas. Restos de neblina tornavam indecisos os contornos nos jardins daquela casa enorme. Só havia movimento na cozinha e na sala de almoço.

À mesa, o pequeno Luís mostrava-se mal-humorado. Não queria tomar o café da manhã.

Depois de empregar os estratagemas habituais, rogos, ordens e pequenas ameaças, a governanta Edite desanimara.

Ana Lúcia interferiu, emprestando severidade à voz:

— Vamos, Luís. Corta essa! Você já não é mais um bebê. Tome logo o mingau. Se não comer, ficará minguaquinho e feio.

O garoto sacudiu os ombros.

— Que me importa?

— Não disse, ontem, que teria a força do Super-homem?

— Ele não é de verdade.

Ana Lúcia riu. Luís olhou-a, com ar matreiro e propôs:

— Se prometer que vai comigo até à escola, como num instante.

— Chantagista! Preciso estudar. Não posso perder a manhã.

A voz do menino soou suplicante:

— Você volta logo. Você não vai ficar muito tempo fora.

Mais uma vez, ela não resistiu. Luís sabia. Conseguiria qualquer coisa da irmã, se mostrasse tristeza e ameaçasse chorar.

— Está bem, malandrinho, mas ande depressa. Se perder o ano, vou contar a todo o mundo que tenho um irmãozinho mau e caprichoso, que não me deixa estudar.

Luís fez-lhe careta e passou a comer com vontade, enquanto Ana Lúcia recomendava a Edite:

– Diga à mamãe, quando ela acordar, que volto logo. Vou apenas entregar este "pacote" – indicou Luís – no colégio.

O motorista Néelson aguardava, no jardim, junto ao Galaxie. Os dois irmãos acomodaram-se no banco de passageiros.

Néelson abriu o portão e, deixou o carro parcialmente sobre a calçada. Desceu, para fechar o portão. Girava a chave na fechadura, quando ouviu passos apressados. Virou-se, a tempo de ver um homem entrar na parte traseira do carro. Quase ao mesmo tempo, outro acertava-o na cabeça, usando cassetete de borracha.

Não tivera tempo para defender-se ou gritar por socorro.

Caiu com o rosto ensangüentado sobre o agressor, que, sem perda de tempo, o arrastou para o terreno baldio, ao lado.

A cena durara dois minutos; ninguém assistiu à ação criminosa.

Arnaldo, um dos agressores, correu para a direção do carro, cujo motor funcionava. Ouviu Pedro Artigas avisar, nervoso:

– São dois. Há uma garota. Deve ser a irmã.

– Agora não temos escolha. Ela também vai.

Arrancou precipitadamente, mas, recordando-se da advertência do chefe, moderou a marcha.

Iniciava-se a operação seqüestro, cuidadosamente planejada pela habilidade criminosa do perigoso Valdomiro Dias.

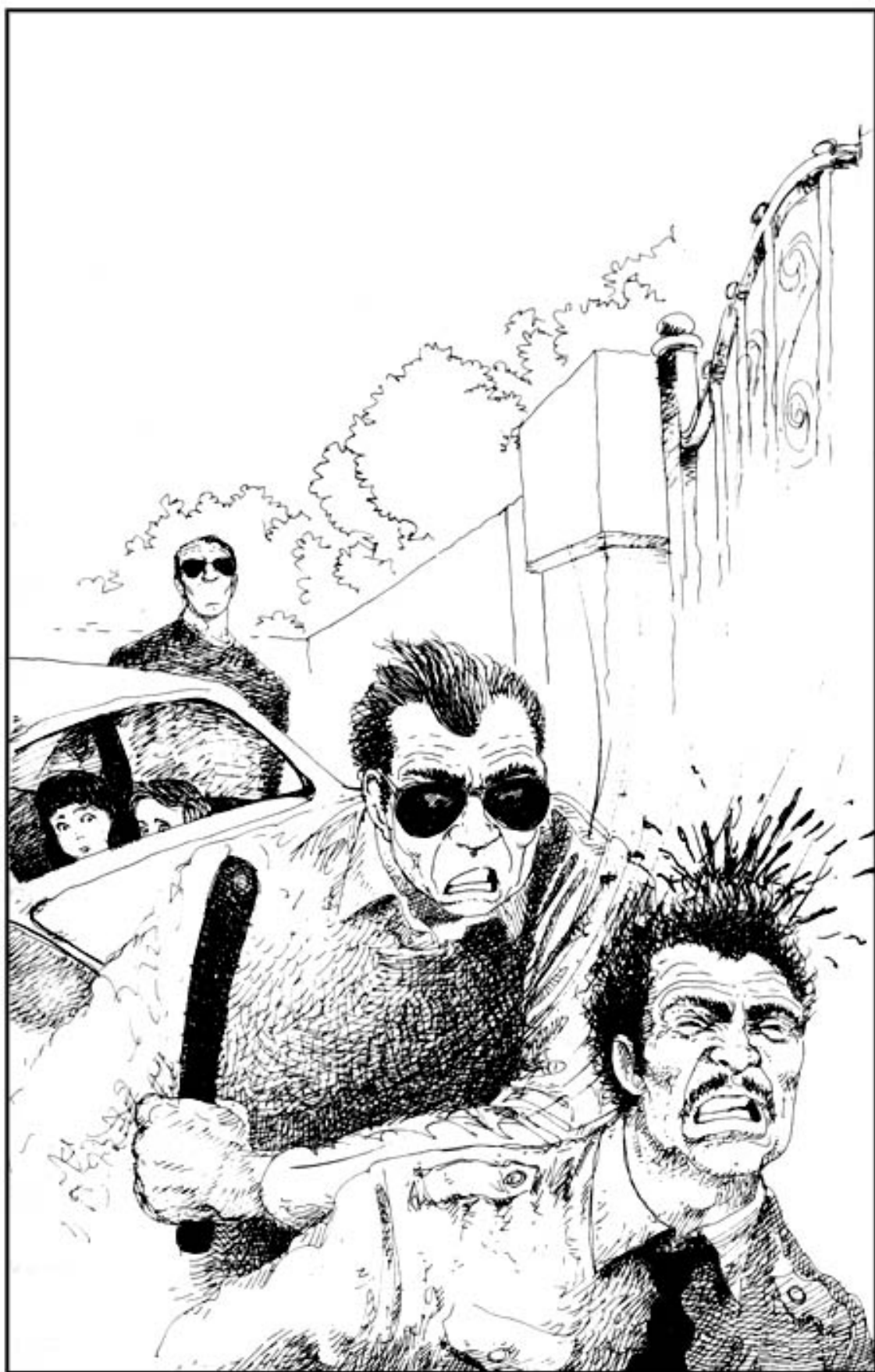
NO REFÚGIO DOS BANDIDOS

Pedro estava preocupado. Temia a reação do violento e colérico Valdomiro, quando soubesse que a menina também tinha sido seqüestrada. Ao entrar no carro, empurrou-a, sentando-se entre os irmãos. Sem hesitar, segurou, pelo pescoço, cada um deles, separadamente.

O pasmo, que impedira Ana Lúcia de reagir, transformou-se em terror, quando ela viu, através do pára-brisa, o motorista ser brutalmente golpeado e arrastado para o terreno ao lado.

Voltou-se desesperadamente para Luís, que não presenciara a última cena. Os olhos arregalados do garoto revelavam mais surpresa que medo. Não compreendia o que se passava.

O bandido apertava, de leve, o pescoço de Ana Lúcia e ameaçava:



*A cena do seqüestro durou poucos minutos;
ninguém assistiu à ação criminosa.*

– Se der um grito, aperto o seu pescoço e o do garoto. E não paro, até... Bem, sabe até quando...

Acrescentou, duramente, porque Luís passara a soluçar:

– Acomode o menino. Não quero choro.

Ana Lúcia recuperara-se parcialmente.

– Posso pegar o Luís no colo? – indagou, com os lábios trementes.

O criminoso passou Luís, que chorava mansamente, aos braços dela. O garoto escondeu o rosto no ombro da irmã, que murmurava:

– Não chore. Tudo está bem. É uma brincadeira, sabe?

O carro, em marcha moderada, já se encontrava a algumas quadras do local do crime. Pedro voltou a falar a Ana Lúcia:

– Vou largar o seu pescoço, mas se chiar, se tentar chamar atenção, acabarei com os dois.

A menina encolheu-se, na outra extremidade do banco, agarrada ao irmão.

Recostando-se confortavelmente, o assaltante observou, com voz zombeteira:

– Assim, tá legal. O "titio", agora, pode descansar, porque os sobrinhos são bem-educados e vão obedecer direitinho.

Acrescentou, encarando a menina:

– A responsabilidade é sua. Cuide do pequeno. Se não perturbarem, apenas olharei. Caso contrário...

Não era necessária a advertência. Encontrava-se muito amedrontada, para raciocinar ou tomar iniciativa de reação. Afagava suavemente o irmão, agitado por soluços espaçados. Lágrimas afluíam aos olhos dela; apertava os lábios para evitar a explosão do choro.

Em trinta minutos de marcha, por ruas, de preferência, pouco tráfegadas, chegaram ao destino.

A modesta casa de dois pavimentos estava construída no alinhamento da rua mal-cuidada, do bairro da Luz. Tinha, no andar inferior, sala e cozinha; no superior, dois quartos e banheiro. A escada saía da sala. Num dos lados, seguindo a casa, alongava-se, por cinco metros, o muro, em que se localizava o portão, por onde tinham acesso pessoas e veículos.

Rocha abriu o portão, mal o Galaxie se aproximou. O veículo entrou rapidamente, conduzido pela habilidade de Arnaldo. Mariana, esposa de Rocha, surpreendeu-se, quando viu os prisioneiros.

— É melhor avisar Valdomiro que vocês pegaram dois.

Pedro encolheu os ombros, tentando demonstrar segurança.

— Tanto faz um como dois. O problema continua o mesmo.

— Duvido – assegurou ela. – Principalmente quando o excedente é uma garota bem crescida.

Dirigiu-se a Ana Lúcia:

— Qual a sua idade?

— Quatorze.

A preocupação traduziu-se no olhar que endereçou ao marido. O esquema se alterara. Complicava-se o golpe. Recomendou ao marido:

— Telefone pro Valdomiro.

O outro fez um gesto de aprovação e indicou a escada. Mariana tentou pegar a mão do garoto, para ajudá-lo, na subida, mas seu grito estridente de pavor a conteve. Olhou-o severamente, e disse a Ana Lúcia:

— Aquiete o menino. Se der outro grito, vamos ter de amarrar um pano na boca dele.

Ana Lúcia curvou-se, para abraçá-lo. Recomendou, com doçura:

— Não chore, queridinho; por favor, nada de gritar. A moça está muito zangada; é capaz de bater em nós dois.

Luís interrompeu o pranto, mas o corpo franzino tremia e soluços sentidos revelavam terror e nervosismo.

No quarto, de pequenas dimensões, cama, criado-mudo, cômoda e poltrona completavam o mobiliário pobre e velho. A janela estava solidamente pregada, exigindo o uso de luz elétrica, mesmo de dia. O cheiro de mofo era angustiante.

Ana Lúcia fez o garoto deitar-se, enquanto Mariana retirava-se, fechando a porta a chave. Voltaria, trazendo jarra de água, copo e pedaços de pão. Recomendou:

— Faça o menino ficar tranqüilo. É melhor para vocês e para mim. Vou estar por perto. Se quiser falar alguma coisa, bata na porta.

Trancou-os novamente.

Ao meio-dia trouxe-lhes almoço: sopa de batatas, com raros pedaços de carne, e pão.

— O jantar será melhor – anunciou, com um sorriso forçado.

Vencendo o medo que lhes inspirava a mulher alta, magra, de fisionomia severa, geralmente silenciosa, os prisioneiros ingeriram toda a comida, embora Luís, de início, relutasse. Estavam famintos.

A carcereira observava-os, com olhos inexpressivos. Quando terminaram, enfiou a mão no amplo bolso da saia e extraiu dois tabletes de chocolate, colocando-os, sem dizer palavra, no criado-mudo.

Deu-lhes chá e biscoitos, pelas quatro horas da tarde. Como jantar, serviu arroz, ovo e bife. Completou com outros tabletes de chocolate.

Sentava-se na poltrona e aguardava, calada, olhos fixos, que nada pareciam ver. Ana Lúcia animou-se a interrogá-la sobre o que aconteceria. Após breve hesitação, Mariana respondeu:

– Tudo acabará bem. Basta você e seu pai terem juízo.

Depois da última refeição, Luís caiu logo no sono, segurando a barra da saia da irmã. Ela também sentia-se terrivelmente cansada. Tentou manter-se acordada, pelo menos enquanto Mariana não se afastava. Foi em vão. As pálpebras desceram irremediavelmente, mergulhando-a em sono profundo, encostada à cabeceira da cama.

O silêncio, a atmosfera pesada e as emoções daquele dia também minaram a resistência de Mariana. A cabeça inclinou-se e a mulher perdeu consciência do meio ambiente.

O MEDO IMPEDE A POLÍCIA DE AGIR

Em poucos dias, Roberto completaria oito meses de serviço no jornal; Beatriz cinco.

O trabalho transcorria normalmente, naquele entardecer, quando o Doutor Joaquim Soares Meira chegou. Como de hábito, dirigiu-se à Redação, para saber de alguma novidade que exigisse modificação do editorial. Ao passar junto à mesa da telefonista, esta avisou:

– Telefonaram duas vezes da Secretaria da Segurança. Pediram para o senhor ligar com urgência.

Doutor Meira autorizou a comunicação e aproximou-se da ampla mesa de Nunes.

– Algo importante?

– De positivo nada, mas parece que há qualquer coisa na Polícia. As tentativas de verificação foram inúteis. Se pegar o Tosta, aperte o homem.

Minutos depois, o diretor falava de seu gabinete com o Secretário da Segurança, Doutor Américo Tosta, com quem mantinha antigas e boas relações.

– Por que a urgência, Américo?

– Problema, amigo. Muita preocupação. Preciso de ajuda dos meios de difusão de notícias. Já me entendi com as direções das rádios, das tevês e de outros jornais. Só me falta você, que continua chegando tarde para o trabalho. Juro que se fosse meu empregado, já o teria despedido – finalizou rindo.

– Pensa que tenho vida fácil como a sua? Sentado num belo gabinete, secretárias e secretários às dúzias, gozando de magnífica mordomia, meu ilustre amigo nada sabe das dificuldades de um diretor de jornal.

– Ora, vamos, deixe a choradeira para depois, senão ouvirá as minhas mágoas, também. E não são poucas.

– Está bem, amigo. Diga o que o preocupa. A voz do Secretário tornou-se grave.

Soube do seqüestro de dois menores, ocorrido pela manhã?

– Não. O secretário da Redação informou-me de que algo estranho estava acontecendo na Polícia. Mandou apurar.

– O caso é este: seqüestro de dois garotos, menina de quatorze anos e menino de seis. Saíam para a escola. Quando o motorista fechava o portão da residência, foi atacado a golpes de cassetete, como se supõe. Os agressores, dois ou três, não se sabe, levaram o carro e os menores.

– O motorista merece confiança?

– Sim. Empregado antigo. Ficou muito ferido, e perdeu os sentidos. Quando se recuperou, arrastou-se até à rua e foi socorrido. Continua mal.

– Identificará os seqüestradores?

– Duvido. Não teve tempo de vê-los bem.

– E onde entra o meu jornal nessa história?

O pai dos meninos telefonou-me. Pediu-me...

– Alguém conhecido?

Soares Meira ouviu um suspiro desanimado.

– Aí é que está. Além do fator humano, temos de considerar o político. Trata-se do nosso Secretário da Fazenda.

– Não diga! O Doutor Januário deve estar desesperado.

– Ele, a esposa, os avós... E mais o Governador e outros. Recebi uns vinte telefonemas de pessoas aflitas, que reclamam, como se não estivéssemos também angustiados e fazendo tudo para solucionar o problema. Se cooperassem com alguma informação... Qual o quê! Só protestam e lamentam.

– Houve contato com os seqüestradores?

– Sim. Às nove, ou pouco antes, o Doutor Januário recebeu um telefonema. A voz identificou-se como intérprete do "Exército Libertador".

– Que diabo é isso?

– Ninguém sabe. A opinião generalizada é de que o nome nada significa. Os bandidos pretendem atirar a culpa às costas de adversários políticos do Governo, de subversivos.

– Se é que ainda existem.

Ouviu o leve riso do Secretário da Segurança.

– Não discutiremos esse assunto. No caso, os meus *experts* encontram-se de acordo: trata-se de banditismo, crime comum, sem qualquer relação política.

– E então?

– O tal "Exército" exige vinte milhões de cruzeiros e impõe duas exigências: a Polícia deve conservar-se alheia às negociações. Este o motivo do meu telefonema. Nas próximas vinte e quatro horas, instruirão sobre a entrega do dinheiro. Se as condições forem desobedecidas, começarão a matar. A primeira vítima será o garoto.

– Canalhas!

– Imagine o desespero do Doutor Januário. Dinheiro não é problema, mas quem garantirá a devolução dos filhos, com vida?

– Terrível – comentou o jornalista, lembrando-se dos próprios filhos. – Dinheiro e prestígio, que o Doutor Januário possui de sobra, acabam por prejudicar, ao invés de beneficiar. Ninguém seqüestraria filhos de qualquer um, sem fortuna. Os meus, por exemplo.

– Tomara que os marginais deixem os seus em paz, mas isso não ocorrerá por causa da alegada pobreza do ilustre pai. Bem que gostaria de dar uma espiada na sua declaração de renda. O motivo é outro. Os bandidos hesitam, quando se trata de investir contra vocês. Temem a força da imprensa.

– Não estou muito certo, mas faço votos para que tenha razão.

Acrescentou:

– Deseja que silenciemos em relação ao rapto, não é?

– Sim, mas por pouco tempo, é claro.

– Não se preocupe. *Notícias e Debates* nada publicará, desde que outras publicações também se abstenham. Não poderíamos ser "furados" em caso de tanto interesse humano.

– Tranqüilize-se. Caso não consiga unanimidade, avisarei, para livrá-lo do compromisso.

– E as emissoras e jornais de outros estados?

– Rádios e tevês estão controlados. As autoridades locais tentarão conter o noticiário jornalístico, que, aliás, ficará prejudicado, se os correspondentes daqui não enviarem informações.

*

Doutor Meira convocou o secretário Nunes e o chefe da reportagem policial. Reproduziu a conversa e pediu estrita vigilância do noticiário.

O seqüestro tornou-se o assunto dominante das conversas, na Redação. Roberto ouvia os comentários, que traduziam pessimismo, quanto à sorte dos raptados. Ficara profundamente impressionado.

Progredira, no jornal. Organizava a seção "Fatos Diversos", repositório de informes sem maior relevância, mas de utilidade imediata para o público.

A LEI BRUTAL DE VALDOMIRO

Na casa do bairro da Luz, Pedro, Arnaldo e Rocha conversavam. A segunda garrafa de cachaça encontrava-se pelo meio.

Estavam inquietos. A reação de Valdomiro, ao ouvir, pelo telefone, a informação de que a menina de quatorze anos também fora seqüestrada causara preocupação a todos.

Temiam o forte e brutal chefe, que, para manter a autoridade, não hesitava em usar dos punhos e até de armas.

Os três toques de campainha, convencionados, anunciaram a chegada do chefe. Rocha apressou-se a abrir o portão, acompanhando Valdomiro à sala.

Sem dizer palavra, o recém-vindo descansou o corpo forte numa das cadeiras. A fisionomia tornou-se mais sombria, quando avistou a garrafa de aguardente. Apanhou-a. Os olhos brilhavam ameaçadoramente, ao perguntar:

— Quem trouxe isto?

Rocha ensaiou a resposta:

— Pensei...

Valdomiro não esperou a conclusão da frase. Dirigiu-se à cozinha e atirou a garrafa ao lixo.

— Há outra? — perguntou.

— Nenhuma. Aquela a gente já encontrou aqui.

É claro que mentia. Tinha comprado a bebida pela manhã, para comemorar o seqüestro, de que esperava obter resultados altamente compensadores.

— A gente combinou que não haveria álcool, até concluir o serviço. Não vou admitir — disse raivosamente — que se esqueçam do combinado.

— Calma — replicou Pedro com violência. — Afinal quem pensa que somos? Seus escravos?

A reação foi imediata. O soco de Valdomiro atingiu o olho esquerdo de Pedro, que rolou da cadeira, com um gemido. Antes que se recobrasse da surpresa, Valdomiro estava ao seu lado, pronto para novo ataque.

Rocha tentava aplacar os ânimos.

— Calma, minha gente. Não é hora de brigar.

Valdomiro continuava junto a Pedro. Falava, com voz odienta:

— O chefe sou eu. O que digo é lei.

Segurou o braço de Pedro, que se apavorou, temendo novo castigo. Sem esforço aparente, recolocou-o sentado na cadeira. Voltou a sentar-se e encarou Pedro e Arnaldo.

— Vocês puseram em risco a operação, porque não procederam exatamente como recomendei. A ordem era pegar o garoto, somente ele.

Sacudiu a cabeça, mordendo os lábios.

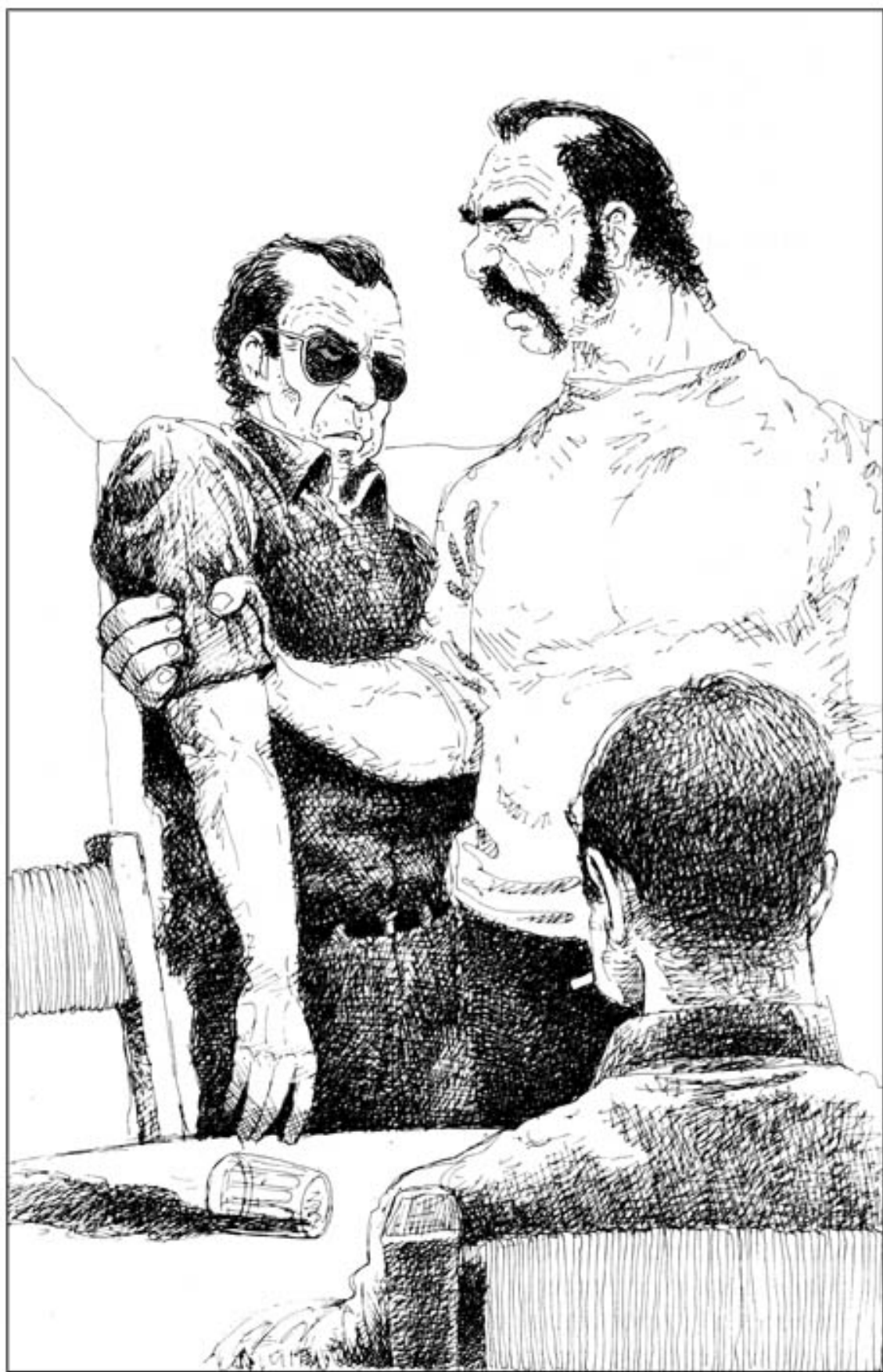
— Criaram um problema, um desgraçado problema, que nos obrigará...

Não completou a frase. A sinistra importância da decisão poderia enervá-los, tornando-os descuidados. Arnaldo justificava-se:

— Que poderíamos fazer? Você disse que o garoto sairia só. Depois, — acrescentou, repetindo o que dissera a Mariana —, dois é melhor do que um. O pai deve estar "pulando".

Riso perverso crispou seus lábios.

Valdomiro dominou a tentação de esmurrá-lo, por tanta estupidez. Avaliava a conseqüência do seqüestro de quem tinha capacidade para reconhecer e acusar os seqüestradores. Quando recebesse a importância do resgate, precisaria liquidar a jovem; talvez pudesse poupar o menino. Indagou de Rocha:



— A gente combinou que não haveria álcool, até concluir o serviço.
Não vou admitir que se esqueçam do combinado.

- Sua mulher pode vigiar os dois?
- Sossegue. Mariana é confiável. Não se descuida, nem um instante. Está de olho neles todo o tempo.
- Não quero muito contato com as crianças. Pode deixar-se influenciar, sentimentalmente.
- Negativo. É mais dura do que eu. Não se impressiona à toa.
- Vá chamar a companheira. Quero um café.

*

Não estava na cozinha. Rocha lembrou-se de que ela se queixara de cansaço. Descansaria no quarto, com os prisioneiros.

Chegou ao pé da escada e chamou-a. Não obteve resposta. Insistiu:

– Não ouve, Mariana? Desça logo. Precisamos de você.

A mulher acordou, algo estonteada. Levantou-se da poltrona e atravessou a porta, que apenas encostou, ao sair. Ana Lúcia também acordara. Tomou conhecimento do descuido da carcereira.

Tentou levantar-se, mas ao procurar desprender o vestido da mão de Luís, despertou-o. Tapou-lhe a boca, para evitar o grito, prestes a explodir.

– Calma, não fale.

Como não largasse a barra da saia, acrescentou:

– Venha comigo, mas bem quietinho.

Acariciando a cabeça do irmão, dirigiu-se à porta. Empurrou-a, cautelosamente. Ninguém à vista. Caminhou com o garoto até à escada. Desceu quatro degraus e sentou-se no terceiro. Abraçada a Luís, recomendava-lhe, murmuradamente, silêncio. Mantinham-se na sombra. Não seriam avistados da sala.

Ana Lúcia fixou a atenção no novo bandido, chamado por Rocha de Valdomiro. Parecia o chefe. Este falava:

– Não pode haver novo erro. Arnaldo precisa desfazer-se do carro, que não deve permanecer aqui.

Prosseguiu:

– Alguma coisa eles devem estar aprontando, algum jeito de investigar, sei lá.

– Duvido. A família não vai fazer nada. Vai impedir que a Polícia aja. Está apavorada, principalmente depois de sua mensagem – arriscou Rocha. – Acredito que, oficialmente, os tiras se mantenham a distancia.

Indagou após breve interrupção:

– Vocês conhecem Antônio Pessoa?

Pergunta desnecessária. Não havia marginal que desconhecesse o chefe dos investigadores. Era duro e, às vezes, cruel. Esquecia, facilmente, escrúpulos, quando tratava com criminosos.

– Deve estar no caso – afirmou Valdomiro –, ignorando qualquer ordem para que nos deixem em paz. Agirá, mesmo sem apoio oficial. Não desistirá de apanhar a gente. É o demônio.

Sorveu o café, que Mariana aprontara.

– Temos de abandonar este local. Alguém pode ter percebido o carro entrar. Estará curioso. Automóvel de luxo não combina com esta casa miserável.

– Para onde vamos? – perguntou Pedro.

Valdomiro refletia. Ignorou a indagação.

– Marquei encontro para hoje com Alceu – disse.

Rocha não sabia a quem ele se referia.

– O repórter que nos auxilia, com informações. Terá sua parte; não muito grande, é claro. Ele me esclarecerá o que ocorre. Tem livre trânsito na Polícia.

Valdomiro voltou ao assunto da mudança.

– É perigoso continuarmos nesta casa, principalmente com o carrão na garagem.

Dirigiu-se a Arnaldo:

– Deixe o Galaxie bem longe daqui. Passe um pano onde possa haver impressões digitais. Vá depois ao Bar Guanabara. Deu instruções a Rocha.

– Encostei o fusca na praça, a uns duzentos metros. Traga o carro; todos irão nele. Mariana e você, na frente; no banco traseiro, Pedro e os garotos. E a caminho.

– Para onde?

– Uma chácara na BR-116; no começo.

– De quem é? – indagou Pedro, desejoso de mostrar que não ficara intimidado com a agressão.

– Isso não interessa aqui – foi a resposta irritada.

Dirigindo-se a todos:

— Vocês vão ser bem recebidos.

Rocha pediu esclarecimentos sobre a localização.

— Fácil. Tome nota: pela BR, até ao quilômetro 26; em frente ao marco, junto à outra faixa da estrada, há um caminho estreito. A chácara fica a trezentos metros, lado direito.

— À noite, talvez fique difícil localizar esse desvio.

— Nada disso. À beira da estrada, na esquina, você verá o Bar do Zeca. Fica aberto até bem tarde.

*

Ana Lúcia voltou imediatamente para o quarto, com Luís agarrado à sua mão.

Guardava, no bolso do casaco, um pequeno caderno com lápis. Servia para anotar os deveres escolares. Escreveu o endereço da nova prisão e, pedindo socorro, denunciou o nome do chefe do bando. Reproduziu o apelo mais duas vezes, mantendo as vias da mensagem ocultas na mão, juntamente com alfinetes que encontrara.

Uma hora depois, Mariana chegava para buscar os seqüestrados, para a mudança de cárcere. Ana Lúcia manobrou com habilidade, para ser a última a abandonar o quarto. Deixou no criado-mudo, sob o copo de água, o recado aflito.

Ao transpor a porta de saída da casa, conseguiu fixar, no batente, outra via, embora de modo precário, usando um alfinete. A última deixou cair na via pública.

De nada suspeitaram os raptos, preocupados em apressar a partida e por causa da pouca luz, mas a esperança de que o aviso fixado no batente fosse encontrado logo se desvaneceu. Do banco traseiro do Volkswagen, Ana Lúcia percebeu o bilhete soltar-se. Viu-o flutuar e cair mansamente na sarjeta. Sentiria algum conforto, se soubesse o que ocorrera no quarto, momentos antes.

A mulher voltara ao aposento e descobrira a mensagem. Leu-a e fez menção de rasgar o papel. Deteve-se, pensativa. Não esquecia os olhos grandes e amedrontados de Luís. Amassou ligeiramente o bilhete e largou-o na cama. A sorte que decidisse.

A REVOLTANTE DESCOBERTA

No jornal, Roberto não resistiu à tentação de narrar o caso a Beatriz. Justificou-se intimamente, argumentando que também ela trabalhava no jornal; assim, não haveria quebra do compromisso de sigilo.

A ameaça de assassinio revoltou-a.

– Devem ser loucos – opinou a moça. – Gente mentalmente sã nunca mataria criança por dinheiro, a sangue-frio.

Pensou, por instante, e arriscou:

– Quem sabe se tudo não passa de blefe. Se o pai resistir...

– É perigoso. Discutiu-se esse aspecto. O Frederico e o Leo, aqueles bons da crônica esportiva e da policial, têm experiência. Acreditam que os garotos não têm chance, mesmo que o pai atenda às exigências. Os bandidos não deixarão testemunha.

– Meu Deus! É horrível! E a Polícia, que faz?

– Acho que nada. O Governo teme que os bandidos farejem as investigações e eliminem os menores. Mandou que a Polícia ficasse fora do caso.

– Mas ela não acha que os meninos serão sacrificados, depois do pagamento?

– É isso.

– Então devia arriscar, colocando toda a força atrás dos bandidos.

– Chegamos, no jornal, à mesma conclusão. Leo conversou com o delegado incumbido. Disse que os pais preferem seguir as instruções dos delinquentes. Não desprezarão a menor possibilidade de reaver os garotos vivos.

– É um dilema angustiante. Como os pais devem sofrer! Para nós, longe do problema, é mais fácil opinar. Se fossem nossos filhos...

Interrompeu, perturbada. Receou que Roberto notasse, em seu rosto, o rubor importuno, mas o companheiro não pareceu reparar no acanhamento.

Continuaram a andar, em silêncio. Ele voltou a falar:

– A Polícia foi proibida de agir, mas... — Hesitou, antes de completar: — ... particulares poderiam encontrar a pista dos raptos.

Beatriz olhou-o, suspeitosa.

– Não me diga que...

– Que penso bancar o investigador? Nada disso. Conheço minhas limitações. Faltam-me experiência, habilidade etc., mas sei de pessoas que poderiam.

– Quem?

– Frederico e Leo, por exemplo.

– Que têm eles mais do que você?

Sorriu, lisonjeado.

– Tarimba, audácia, criatividade. E mais: por causa das reportagens policiais, Leo está em contato freqüente com a gente do submundo.

Ela abanou a cabeça.

– Não imagino o que conseguiriam. Nem sequer por onde começariam. A Polícia dispõe de inúmeras facilidades: arquivos, fichas datiloscópicas, cooperação de centenas de investigadores e guardas. Com que contaria um particular?

– Com o esforço de quem se dedicaria a apenas um problema. A atividade da Polícia se dispersa, porque tem de cuidar de um número extraordinário de crimes desta cidade enorme.

Continuou:

– O início da investigação talvez não seja tão difícil, se tratar-se de criminosos habituais, como explicou Leo. Eles costumam freqüentar lugares certos, onde se sentem seguros e podem relaxar. São locais conhecidos, em que o abuso do álcool faz soltar a língua. Os segredos, na "Boca do Lixo", deixam logo de ser – ajuntou, sorrindo. Finalizou:

– Com algum dinheiro, não é difícil obterem-se informações. Alcacüetas não faltam.

– Alcacüetas?

– Sim, informantes a troco de recompensa. São conhecidos, também, como “gansos” – acrescentou, orgulhoso do conhecimento da gíria da malandragem.

– Acho que gostaria de participar da busca dos meninos.

O rosto de Roberto anuviou-se. Sabia que nada poderia fazer.

Ao chegar à porta da pensão, Roberto deu pela falta do molho de chaves. Esquecera-o na mesa de trabalho. Voltaria à Redação ou acordaria Dona Rosa, que se deitava cedo?

Não quis perturbar o descanso dela, que costumava madrugar, para atender aos afazeres da Pensão. Com um suspiro, tomou o caminho do jornal.

Andando, a passos largos, pensava no jantar, à sua espera, na geladeira. Até aquecê-lo, quando voltasse... O exigente apetite dos dezoito anos, cheios de energia, protestava.

Aproximando-se da sede do jornal, resolveu tomar a clássica média com pão, no Bar e Restaurante Bem-te-vi que, intencionalmente mal-iluminado recebia, depois das oito da noite, freqüentadores suspeitos, interessados em manter-se na sombra.

Encostado ao balcão, viu Alceu Vasconcelos, repórter auxiliar do setor policial, surgir à porta e ser abordado por um indivíduo alto, que parecia aguardá-lo.

Conhecia o jornalista superficialmente, de dois encontros acidentais, sem oportunidade de conversa. O outro estava sempre apressado e o horário de trabalho não coincidia.

Alceu chegava à Redação, normalmente, às nove horas. Recebia instruções e retornava, por volta da meia-noite, com as últimas informações.

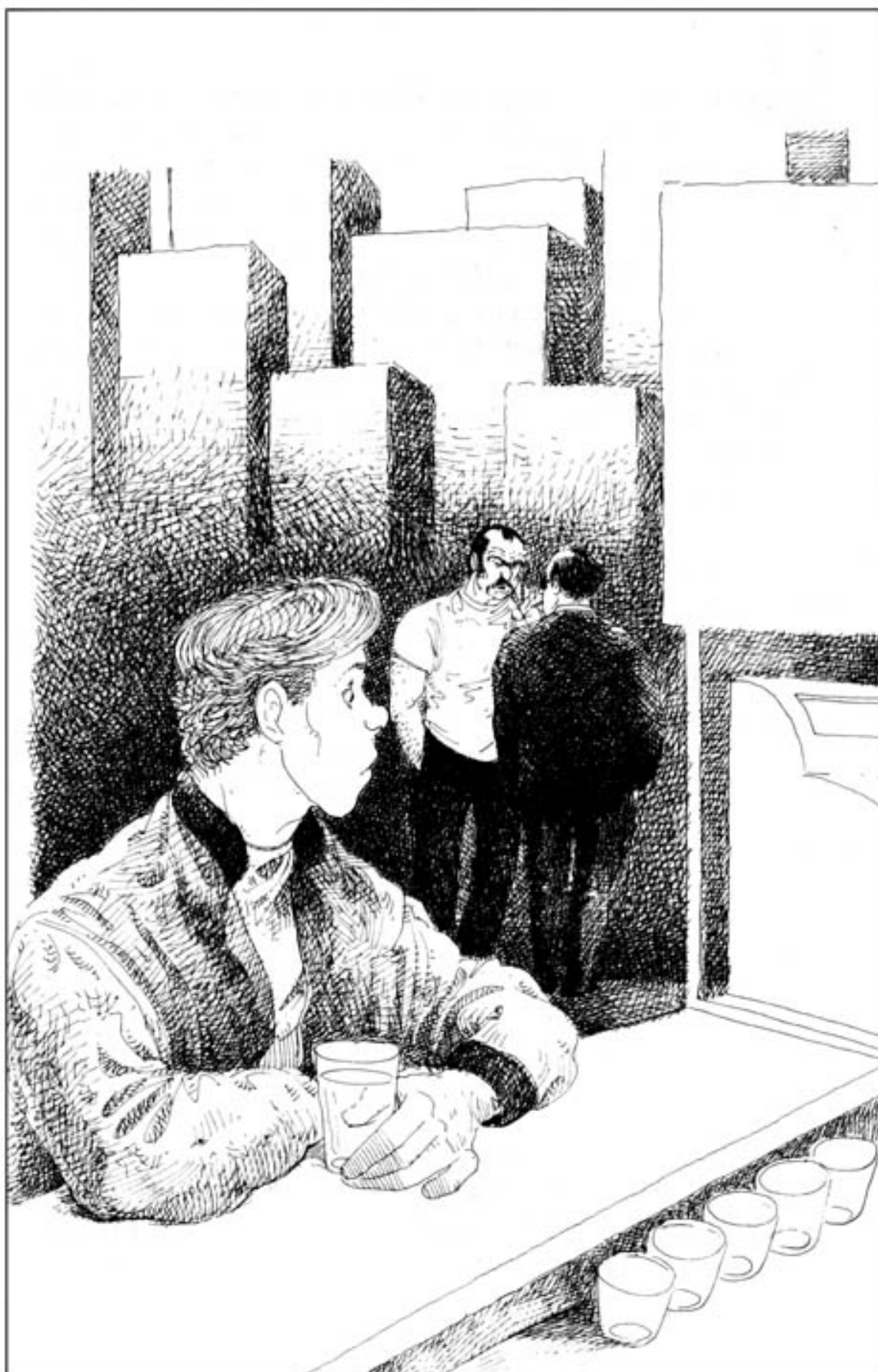
Era evidente que algo preocupava Alceu, naquela noite. Passou perto de Roberto, sem notá-lo, e, acompanhado pelo desconhecido, ingressou na parte do restaurante separada do bar por um tabique. Ocuparam uma mesa junto a este. No outro lado, o rapaz continuava a tomar o café com leite.

Algumas palavras ouvidas ocasionalmente, e que vinham do outro lado da separação, estimularam a curiosidade de Roberto.

Apurou a atenção.

A estranha conversa encheu-o de pasmo, que logo se transformou em indignada revolta.

Roberto percebeu Alceu ser abordado por um indivíduo alto, que provavelmente o aguardava.



Roberto percebeu Alceu ser abordado por um indivíduo alto, que provavelmente o aguardava.

ALCEU TENTA DESISTIR

Quando Alceu entrou no Bem-te-vi com o Valdomiro, já havia redigido no jornal as notícias colhidas à tarde. Não tinha havido nenhuma importante. O caso do seqüestro continuava à espera da liberação. O secretário da Redação já estava com oitenta por cento da matéria pronta. Assim, ninguém passaria *Notícias e Debates* para trás.

Alceu mal disfarçava a irritação quando avistou o Valdomiro, à porta do Bem-te-vi. Por isso, foi com ele rapidamente para o reservado, e nem reparou em Roberto.

Sentou-se à mesa, encostada à divisão de madeira. Valdomiro ficou à sua frente.

– Combinamos que não haveria telefonema para o jornal.

– Sim, mas precisava falar com você ainda hoje. É importante. Houve um imprevisto.

– Sei de que se trata. Um problema dos diabos. Pegaram a menina, também.

Valdomiro acenou, afirmativamente.

– Eu não quis dirigir pessoalmente a operação. Correria o risco de ser reconhecido pelo motorista, porque trabalhamos juntos, há seis anos. Por pouco tempo, mas ele pode ter boa memória.

Alceu observava-o, mordendo os lábios, com impaciência. Valdomiro prosseguiu:

– As instruções foram claras, mas surgiu o inesperado. A garota nunca acompanha o irmão. Meus rapazes somente a viram depois do ataque ao motorista. Não tiveram outro remédio, senão levá-la.

– E agora? – a voz de Alceu estava tensa.

– Temos de resolver – respondeu, com dureza. – A garota reconhecerá facilmente os envolvidos. Se prenderem qualquer um, a Polícia chegará até nós, imediatamente.

Havia medo na pergunta de Alceu:

– Que pensa fazer?

– Ainda não decidi.

– Melhor desistirmos. Há muito perigo pela frente.

A voz de Valdomiro soou, ríspida.

– Não adiantaria. Teremos a Polícia contra nós, mesmo que os garotos sejam devolvidos.

Encolheu os ombros e prosseguiu:

– Vamos continuar. Com o dinheiro que recebermos, será fácil escapar.

Alceu respirou fundo. A voz tremia, quando advertiu:

– Não quero saber de violência. Estou largando tudo.

Valdomiro apertou fortemente o braço magro de Alceu. Havia furor recalcado nas palavras:

– Ninguém cairá fora. Está até o pescoço neste negócio. Continuará, queira ou não.

Apavorado, Alceu compreendeu a extensão da ameaça. Valdomiro amenizou a voz, enquanto afrouxava a pressão no braço do repórter.

– Deixe de tremer. Tudo se resolverá bem.

Entreabriu os lábios num sorriso inexpressivo.

– Acalme-se, homem. Longe de mim pensar em violência. Gosto de calma. Quero ganhar com o raciocínio e não pela pancada.

Alceu olhou-o desconfiado, mas não percebeu sombra de ironia. Após breve pausa, Valdomiro continuou:

– Vamos ao que interessa. Como correm as coisas, em casa do Doutor Januário e na Polícia?

Alceu dominara-se. A voz surgiu, quase firme:

– Tudo segundo as previsões. A família não esconde o abatimento, mas dispõe-se a colaborar. O Doutor Januário convenceu o Secretário da Segurança a parar a Polícia. O Governador deu a ordem.

– E Antônio Pessoa?

– Acomodou-se. O chefe de Polícia fez-lhe recomendações precisas. E até ameaças, conforme transpirou.

– É o único que pode aborrecer-nos. Já topei com ele – murmurou, com ódio.

Antônio Pessoa, quando simples inspetor, prendera Valdomiro, como suspeito, durante investigação de queixa de extorsão contra comerciantes, atemorizados ante a ameaça de destruição de seus estabelecimentos com granadas.

A investigação resultou em nada, porque as vítimas, intimidadas, negaram-se a identificar o criminoso. Apesar disso, Pessoa conseguiu prolongar a detenção, por três meses.

Alceu perguntou:

– Os meninos continuam na mesma casa?

– Sim, mas por pouco tempo, se é que não saíram, já. Continuar seria arriscado.

Silenciaram, por instantes. Valdomiro voltou a falar, fitando o repórter, com olhos sombrios.

– Não perguntou para onde vão os garotos.

A voz do repórter voltara a acusar insegurança.

– Pensei que não quisesse dizer.

– Escute, moço. Não há condição para ficar fora. Espero-o, amanhã, no novo esconderijo, às quatro da tarde, para conversarmos. Já terei novo contato com o Doutor Januário. Tomaremos as últimas providências para receber o dinheiro e assegurar a fuga. Depois da entrega da grana, toda a Polícia se lançará contra nós.

Silenciaram novamente. Valdomiro ocupava-se do sanduíche e do refrigerante. Alceu observava-o, inquieto. Indagou:

– Onde será o nosso encontro?

– Muito bem. Se não perguntasse, suspeitaria de que mantinha a intenção de dar o fora. Teria de opor-me. Fizemos um acordo; dei-lhe um dinheiro que me faz falta; terá de ir até o fim. Agora sua colaboração é indispensável. Dependemos das informações sobre o que a Polícia está armando contra nós.

Sorriu levemente e continuou, encolhendo os ombros:

– Boa, esta conversa. Ficamos bem acertados. Você entende de companheirismo. Faremos novas jogadas, quando descansarmos desta.

Explicou, cuidadosamente, como Alceu chegaria ao novo esconderijo, levantou-se e recomendou:

– Não falte. Estarei à espera. Entendido?

Alceu acenou, afirmativamente.

ROBERTO PROCURA UMA SOLUÇÃO

Ao pressentir a saída de Valdomiro, Roberto antecipou-se, rápida e silenciosamente. Não podia encontrar-se com Alceu, que se demorara no restaurante a fim de evitar ser visto com o bandido; Roberto desejava fixar bem os traços deste.

Quase esbarrou em Valdomiro, cujo nome apreendera, ao ouvir a conversa no Bem-te-vi, quando se dirigia a passo acelerado à sede do jornal.

Estava indignado. Um repórter, um companheiro de trabalho, aliado a raptos! Usava do prestígio de *Notícias e Debates* para obter informações e transmiti-las aos seqüestradores! Praticava uma traição canalha e criminosa!

Moderou a marcha, ao aproximar-se da sede do jornal. Com quem falaria? Nunes seria talvez o mais indicado.

Coçou a cabeça, indeciso, prevendo a reação do secretário. Incapaz de conter o arrebatamento, chamaria Alceu para explicações. Ele negaria e avisaria os companheiros de crime, os quais poderiam cumprir a ameaça de liquidar os seqüestrados.

Sentiu-se perdido, quase em pânico. Consultou o relógio: nove e meia. Resolveu falar com a única pessoa em quem depositava confiança integral. Beatriz o auxiliaria, com seu destemor e senso prático. Sorriu, ao pensar na sua reação indignada, mas ela não ficaria apenas no protesto. Ajudaria com sugestões.

Subindo rapidamente a escada do prédio do jornal, calculava o dinheiro de que dispunha: setecentos cruzeiros.

Da Redação, telefonou à casa da jovem, que atendeu logo.

– Desculpe, pela hora.

– Não por isso. Estava repassando umas lições.

– Tenho uma novidade muito importante.

– Diga; já estou morrendo de curiosidade.

– Pelo telefone é arriscado. O assunto não pode chegar ao conhecimento de certa pessoa. É caso de vida ou morte.

– Está brincando!

– Você vai ver. Preciso falar com você, agora mesmo.

– Mas tão tarde! Mamãe não vai gostar.

– Insista com ela, por favor.

O tom de voz, algo angustiado, de Roberto, quebrou sua resistência.

– Espere um minuto.

Demorou cinco.

– Mamãe não queria concordar. Foi uma luta, mas cedeu. Venha logo, mas se não for muito importante...

Não ouviu o resto da ameaça. Apanhou as chaves e indagou de Leo, que revisava o noticiário policial:

– Novidade, no caso do rapto?

O companheiro parecia cansado. Demorou a responder.

– Tudo na mesma. Esperam o segundo contato com os bandidos. Há muita apreensão pela sorte dos meninos. Talvez estejam mortos.

Roberto conteve a vontade de restituir-lhe a confiança e dar-lhe nova esperança. Indagou:

– Quem faz a cobertura pelo jornal?

– Praticamente todos os repórteres do setor policial, além de Alceu, incumbido do contato com as autoridades. Conhece todo o mundo oficial e trabalha para valer. Está presente, quase o dia todo. Quando não houver mais risco para os garotos, garanto que vamos publicar o melhor trabalho. Daremos um banho nos outros jornais – acrescentou, com indisfarçado orgulho.

Confirmar-se-ia a previsão de Leo, mas o extraordinário sucesso de *Notícias e Debates* não decorreria de seu trabalho e muito menos da falsa dedicação de Alceu.

Desceu a escada, às pressas. Gostaria de tomar um táxi, mas precisava reservar a pequena quantia de que dispunha para enfrentar despesas mais importantes. Correndo, dirigiu-se ao ponto de ônibus, com a imagem de Beatriz ocupando inteiramente sua cabeça.

Já eram dez horas, quando, descendo do ônibus, Roberto praticamente correu até a casa de Beatriz. Tocou a campainha.

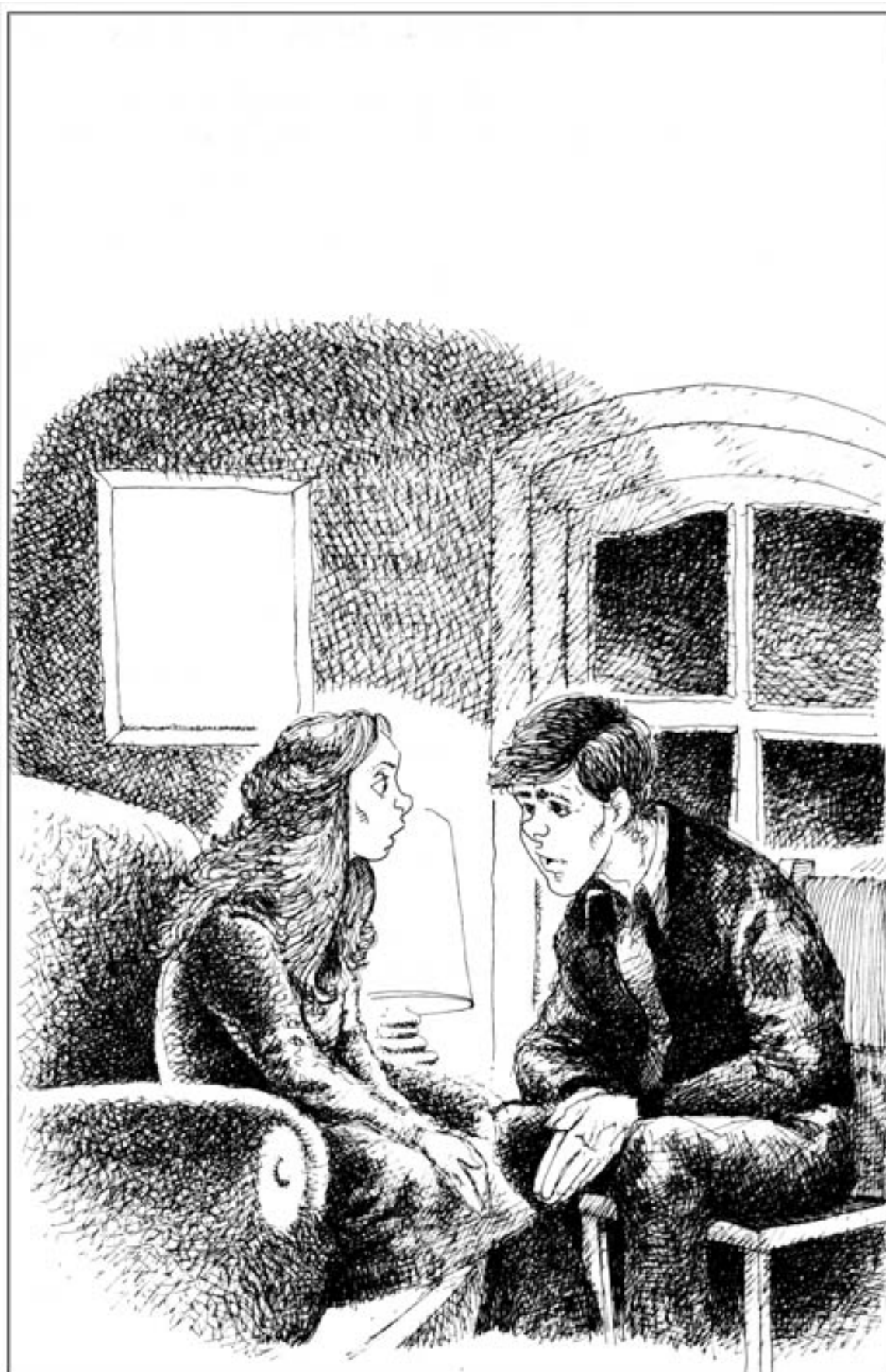
Ela o recebeu com o sorriso ameno e divertido de sempre, fazendo-o entrar na pequena sala de estar. Notou a expressão preocupada do companheiro.

– Vamos, diga o que há de tão importante e urgente, para vir a esta hora, com uma cara de quem precisa resolver o problema da paz universal.

– O caso é sério, Beatriz. Não sei o que fazer. Terá de me ajudar.

Reproduziu a conversa que surpreendera, observando a transformação da fisionomia da moça. Tomara-se grave e preocupada.

– O problema é terrível – comentou a moça.



— O caso é sério, Beatriz. Não sei o que fazer.
Terá de me ajudar.

– Não me decepcione, dizendo que ignora o caminho a tomar. Se você, mais inteligente do que eu...

– Mais inteligente?! Se dissesse mais esperta, daria para discutir, mas, em matéria de inteligência, você está lá em cima – e olhou para o alto.

Ele riu, lisonjeado.

– Vamos traçar um plano – propôs a jovem, que ficara algo embaraçada. – Hoje, a gente não pode mesmo fazer nada. Amanhã é sábado. Não tenho nem aula nem trabalho. Vem me buscar bem cedo, para irmos ao local indicado por Valdomiro. Os raptados já deverão estar lá.

– E a Polícia? Não seria melhor ir à Delegacia e deixar o assunto para quem entende?

Demorou a replicar.

– Deveríamos tentar saber um pouco mais, conferir o que ouviu, sem pretender solucionar coisa alguma. Vamos ser cautelosos e discretos. Continuou, depois de pausa: – Se os bandidos nos virem, de nada desconfiarão. Somos – acrescentou, rindo – apenas dois garotos, ou quase. Sugeriu:

– Usaremos roupas velhas, meio extravagantes, como se fôssemos *hippies*. Levaremos a barraca de meu irmão Eduardo, como se pretendêssemos acampar.

– Será uma aventura.

– E com final feliz?

– Mas é claro que sim – garantiu Roberto, que recuperara a confiança em si próprio, o otimismo e o entusiasmo.

– Tudo vai sair bem.

Perguntou:

– A que horas posso vir?

– Às seis.

Ela pensou um instante, e comentou:

– Se fosse motoqueiro...

– Quer saber se posso dirigir moto?

Beatriz acenou, afirmativamente.

– Sou muito bom nisso – assegurou, rindo.

– Você e sua modéstia...

– Sinceramente, dirijo bem. Tive uma Honda. Competi em duas provas de estrada e obtive um primeiro e um segundo lugares. Tenho as medalhas.

Disfarçou a mágoa da lembrança. Tinha vendido a máquina, para pagar as últimas dívidas, contraídas durante a doença da mãe. Beatriz desculpava-se do ceticismo:

– Não leve a mal. É que poderíamos usar a moto do Eduardo.

– Então ele pertence à fraternidade dos motoqueiros?

– Mas sem fanatismo. Depois que passou a servir o Exército, a moto foi encostada. Acrescentou:

– Terei de falar com mamãe. Eduardo é meio ciumento do seu cavalo de ferro.

Deixava a sala, quando se voltou, para indagar:

– Jantou?

Roberto sorriu, embaraçado. Sentia um apetite devastador. A expressão constrangida de Roberto não a iludiu.

– É um bobo – acusou. – Por que não disse que estava para cair de fome?

Voltou, logo depois.

– É o que posso oferecer – disse, colocando na mesa a bandeja em que havia salada, carne fria, leite e pão. Beatriz deixou a sala para conversar com a mãe, enquanto Roberto comia com vontade. Dez minutos depois, ela regressou.

– Concordou. Jurei que você é o melhor e o mais responsável motoqueiro do Brasil. Em seguida, esclareceu:

– Não falei do nosso plano, para não assustá-la. Disse que faríamos uma excursão, para aproveitar o sábado.

Roberto aprovou, com a cabeça.

– Gostaria de testar a máquina.

– Não há necessidade. O meu primo usou no domingo passado. Disse que está legal.

Roberto franziu o sobrolho. Positivamente, não gostava do tal parente.

– Bem, quase onze horas. Amanhã, às seis, estarei tocando a campainha.

À porta, demorou-se, admirando o rosto de traços suaves e os olhos profundos, a que a luz azulada do foco de iluminação da rua emprestava ar de mistério e de sedução. Resistiu ao desejo avassalador de tomá-la nos braços, e acariciá-la ternamente.

*

No ônibus que o deixaria próximo à Pensão Independência, recuperou o senso crítico e maldisse o próprio egoísmo. Fascinara-o a perspectiva de ter a companhia de Beatriz naquela aventura, que poderia tornar-se perigosa, ter conseqüências até mortais.

Experimentou um arrepio de medo. Sim, convenceria Beatriz a desistir de acompanhá-lo.

A REBELDIA DE ANTONIO PESSOA

Dezoito horas, na Secretaria da Segurança Pública. Doutor Américo Tosta olhou interrogativamente para César, sobrinho e oficial de gabinete, que entrara na ampla sala de despachos.

– Antônio Pessoa aguarda na saleta ao lado.

– Seguiu as instruções?

– À risca – assegurou César, com certa impaciência. – Subiu até ao 15º andar, alegando que precisava de informações sobre a reforma da Polícia Civil. Mostrou-se muito interessado, tomando bastante tempo do funcionário encarregado.

Sorriu, antes de continuar.

– Ao sair, encontrou o corredor deserto. Desceu os dois lanços de escada até aqui. Ninguém viu. Usou a porta de serviço que eu mesmo abri.

– Muito bem. Faça-o entrar. Em poucos minutos, o chefe dos investigadores sentava-se à frente da mesa de trabalho do Secretário da Segurança.

Tosta era também Delegado de Polícia. Conhecia, de longa data, Antônio Pessoa. Fazia justiça, à sua honestidade e devoção ao serviço, mas nem sempre concordava com os seus métodos, às vezes duros.

– Tomei precauções, para que somente César saiba desta entrevista. Ajuntou, logo:

– Não significa que suspeite de alguém da Secretaria, mas tenho de defender-me de possíveis indiscrições, mesmo não intencionais. Minha responsabilidade é muito grande. De início, contrario ordem clara do Senhor Governador.

Os olhos espertos de Pessoa não se afastavam do rosto de Tosta, que continuou:

– Acho que sabe por que o chamei.

– Deseja tratar do seqüestro dos filhos do Doutor Januário.

Tosta acenou afirmativamente. Completou:

– Acha que a Polícia deve ficar fora do caso?

Pessoa riu, frouxamente.

– Já me abri com o doutor chefe de Polícia. Os garotos têm pouca chance, e não haverá nenhuma, se as autoridades se mantiverem como espectadoras. Recebam ou não o dinheiro, está no programa dos seqüestradores liquidar as vítimas.

– É também a minha opinião, mas os pais não se convencem. Estão apavorados e o desespero impede o raciocínio.

– Acabarão pagando – comentou Pessoa, com um suspiro desalentado. – O máximo que receberão de volta, se receberem, será duas criaturinhas sem vida.

– Que se poderá fazer? – foi a indagação angustiada de Tosta.

– Tentar encontrar os meninos, antes que ocorra o pior. Existiria, pelo menos, uma esperança. Se o senhor autorizar, tomo conta do caso.

– Compreenda, Pessoa. Não posso oficialmente dar a ordem, mas, conservando a Polícia longe do caso, renunciemos ao dever de tentar salvar as crianças e estimulamos a repetição desse tipo nojento de crime. E ainda permitiremos o desprestígio da Polícia.

– Que faremos então, senhor Secretário?

Tosta respondeu indiretamente, escolhendo, com cuidado, as expressões.

– Bem, meu caro, se quiser investigar por deliberação própria, terá todo o meu apoio pessoal. E é evidente que a organização policial emprestaria colaboração a qualquer trabalho desenvolvido pelo inspetor-chefe, mesmo que ele não revelasse os seus objetivos.

– Compreendi, senhor Secretário. Aceito a sugestão, se é que houve sugestão, em suas palavras. O trabalho se desenvolverá no mais completo sigilo.

Acrescentou:

– Dois companheiros, muito capazes, me auxiliarão. Sabem agir como mineiros.

O olhar de Tosta revelou estranheza. Pessoa acrescentou, sorrindo:

– Isto é, em silêncio, doutor.

Ao despedir-se, observou:

– Devo agradecer-lhe, doutor. Poupe-me o pedido de licença para agir, embora em caráter particular. Não permitiria que esses bandidos continuassem a zombar da Polícia, sem tomar providências. Não sou de recusar desafio.

Tosta preocupou-se. Compreendeu que Pessoa se envolveria, mesmo que recebesse ordem taxativa de manter-se afastado. Não era o primeiro caso de rebeldia. Deveria providenciar para que não se repetisse.

*

Os inspetores Juarez e Costa aguardavam Pessoa, em sua sala, prontos para lançar-se à grande caçada, com ou sem autorização. A dissimulada aprovação facilitaria bastante.

A primeira providência consistiu em incumbir os dois inspetores de, separadamente, procurarem algum tipo de informação, nos locais freqüentados pelos criminosos. A famigerada "Boca do Lixo" foi percorrida incansavelmente.

Então a sorte ajudou. Um carro-patrolha encontrou um Galaxie abandonado, no bairro da Luz. Um dos pneus acusava furos.

O fato foi comunicado a Pessoa, que ordenou o guinchamento do carro para sua garagem particular. Suspeitou de que se tratasse do carro do Doutor Januário Silveira e desejava manter reserva, quanto ao achado.

Confirmou-se que o veículo pertencia, realmente, ao Secretário da Fazenda. Um exame superficial revelou que rodara havia pouco tempo.

*

O encontro do Galaxie, próximo ao primeiro esconderijo dos bandidos, contra instrução clara de Valdomiro, resultou de fator

imponderável, que, muitas vezes, inutiliza um plano supostamente perfeito.

Cumprindo determinação do chefe, Arnaldo retirou o carro, para abandoná-lo bem longe. A iluminação deficiente da rua, em que se acumulava lixo, ocasionou o acidente. O carro passou sobre uma tábua cheia de grandes pregos, que danificaram um pneu da frente. A câmara esvaziou-se, em poucos minutos. Estava a quinhentos metros do ponto de partida.

Arnaldo receou chamar atenção, trocando o pneu, e também perder o encontro marcado com Valdomiro.

Decidiu abandonar o carro, mas não comunicou o acontecimento ao chefe, por temer uma de suas reações violentas.

A desobediência e a covardia do comparsa proporcionaram a primeira pista à Polícia, para a localização dos criminosos.

*

Enquanto isso, não muito longe dali, Valdomiro ia ao encontro de Arnaldo, num clima de enervante apreensão. Não acreditava na inércia da Polícia. A sombra do temido Antônio Pessoa parecia segui-lo. Talvez o policial já houvesse descoberto o paradeiro dos menores. Aguardaria a oportunidade para completar a grande cilada, que colheria todos os implicados.

Não duvidava que, na confusão da caçada final, fuzilaria os mais conhecidos. Alegaria resistência ou tentativa de fuga, desculpas facilmente admitidas. Ele e Arnaldo eram considerados perigosos; Rocha, irrecuperável. A supressão dos três não despertaria protestos.

Tornava-se necessário agir depressa. Receber o dinheiro e fugir, depois de silenciar as testemunhas.

Não lhe agradava este ato de violência, que representaria novo capítulo na sua carreira criminal. Além de subsistir um resto de escrúpulo, temia a repercussão. A revolta pública explodiria com ardor, quando se soubesse do assassinio dos menores. Iriam ser reclamadas investigações prontas e extensas e exigidas medidas punitivas vigorosas, mesmo que excedessem os limites legais.

As reflexões o atormentavam, quando chegou ao Bar Guanabara, onde já o aguardava Arnaldo, para comer um lanche ligeiro.

Consultou o relógio: vinte e uma horas e quarenta e cinco minutos. Dissera ao gerente que se chamava Samuel e aguardava telefonema.

O garção aproximou-se.

– Ligação para o senhor.

– Estamos de saída – avisou Rocha, do outro lado da linha. – Em cinco minutos fechamos tudo, aqui. Mariana faz a última revisão, em toda a casa.

– Estão atrasados. Andem depressa, mas sem exceder o limite de velocidade. Muito cuidado e atenção.

Munindo-se de várias fichas, dirigiu-se ao orelhão próximo. Discou para a casa do Doutor Januário. Atenderam imediatamente. Esperavam, com ansiedade, a comunicação.

– É do Exército da Libertação.

Ruídos de vozes abafadas denunciavam que duas ou três pessoas estavam junto ao aparelho. O gravador começara certamente a funcionar.

– Acusou, com raiva:

– Vocês estão desrespeitando a ordem do Comando. Largaram a Polícia atrás de nós.

Januário replicou, angustiado:

– Não, pelo amor de Deus! Consegui do Governador que impedisse qualquer investigação.

– Ou mente ou o mentiroso é o Governador. Soltaram esse porco do Antônio Pessoa, à nossa procura.

– Engana-se. Ignoro de quem fala. Nunca soube de sua existência.

– Faça com que parem tudo, senão pode dizer adeus aos garotos. Preste atenção: afaste as pessoas que estão na sala e desligue o amplificador e o gravador. Não quero ninguém ouvindo nossa conversa. Chamarei em quinze minutos.

Acompanhado de Arnaldo, tomou um táxi, mandando que seguisse pela rua da Consolação. A duas esquinas da avenida Paulista, usou outro orelhão.

– Pensa que é brincadeira? – gritou, assim que o Doutor Januário atendeu. – Impeça a Polícia, já.

A voz do outro revelava pavor.

– Mas nada fiz!

– Aproveite a última chance. Apanhe o dinheiro, somente notas velhas, sem seqüência, de mil e de cinco mil. Coloque em pasta 007, marca Zefir, número de série 42b. É encontrada em qualquer supermercado. Vá à rua Augusta, à entrada do Conjunto Nacional. Esteja lá, amanhã, às nove horas. Receberá instruções. Se aparecer

acompanhado, se suspeitarmos de que nos trai, estará tudo acabado. Se obedecer, terá os filhos, em sua casa, pelas cinco da tarde.

Valdomiro e Arnaldo tomaram o primeiro ônibus que surgiu e saltaram algumas quadras depois. Um táxi levou-os ao estacionamento, em que o chefe deixara o carro, alugado com nome falso.

Tomaram o caminho do novo refúgio.

*

O Doutor Januário telefonou para a casa do Doutor Américo Tosta. Estava nervoso e indignado.

– Incrível, Américo! Perdeu o controle da Polícia?

– Calma. Que aconteceu?

O outro contou a conversa e as ameaças do raptor.

– Você foi nessa?! O canalha nada sabe. Como poderia? A Polícia continua apenas na expectativa, sem tomar qualquer medida. E acredite: a inação enerva-me, contraria o que a prática aconselha, em casos como este.

– E o tal Antônio? Esqueci-me do sobrenome. Pode ter-se rebelado contra as ordens.

– Repita o que disse o bandido sobre ele. Use as mesmas expressões, se possível.

Januário reproduziu a conversa. Américo esclareceu:

– Referiu-se a Antônio Pessoa, bom e devotado funcionário. É chefe de investigadores. Continuou:

– O bandido blefou. Quis apavorá-lo, insinuando que está a par das atividades da Polícia.

Indagou:

– E o dinheiro? Marcou hora e local para a entrega?

A hesitação de Januário, embora breve, não foi ignorada.

– Não falou em resgate. Chamará novamente.

Depois de breve pausa:

– Não sei como suportar o desespero, em casa. Minha mulher...

– Compreendo – interrompeu Tosta. – Avalio quanto sofrem e estou solidário, mas você amarrou-nos as mãos. Queremos agir.

– Por caridade, não. É mais prudente aguardar. Não darei motivo a represália.

– Será como quiser – disse Tosta, desanimado. – Avise-me, se houver novidade.

Procurou contato com Antônio Pessoa. Das ameaças do seqüestrador, surgira uma pista. Ele conhecia o chefe dos investigadores. Odiava-o e temia-o. Experimentara, provavelmente, a ação às vezes violenta do policial. Caberia a este recorrer aos arquivos e à memória, para tentar descobrir quais os criminosos que lhe dedicavam fortes sentimentos de ódio.

Não encontrou o chefe dos investigadores. Em companhia de Juarez e de Costa, absorvera-se na tarefa de estabelecer o último trajeto, cumprido pelo Galaxie, abandonado pelos bandidos.

Pessoa não desperdiçava um instante. O tempo adquirira importância dramática. A cada minuto, a possibilidade de salvação dos meninos tornava-se mais sombria.

A REAÇÃO DE MARIANA

Antes de saírem, Mariana dera aos menores um copo com leite, em que pingara algumas gotas de tranqüilizante. O balanço do carro, conduzido sem atropelo, contribuiu para que dormissem. Contrariando a determinação de Valdomiro, a mulher resolvera, apesar do protesto de Pedro, viajar no banco traseiro, com os garotos. Luís encostou-se, instintivamente, no seu braço. Ela não se moveu, durante todo o trajeto, receando acordá-lo.

Ao chegar ao destino, Mariana carregou o menino. Rocha conduziu Ana Lúcia, pelo braço.

O bandido estava inquieto. Era evidente a ligação sentimental da esposa ao pequeno. Esta atitude poderia resultar em desastre para o esquema do rapto. E qual seria a reação do brutal e impiedoso Valdomiro?

Precisava alertá-la.

Era um terreno de aproximadamente dois mil metros quadrados, com residência de três quartos. Pinheiros, eucaliptos, árvores frutíferas e plantas ornamentais rodeavam a casa, desordenadamente. Daquela confusão, resultava aspecto rústico e acolhedor. O ar era perfumado e estimulante.

Uma cerca de arame farpado, em mau estado de conservação, delimitava os lados e os fundos da propriedade. Na frente, havia muro, interrompido por largo portão de madeira, por onde o fusca entrara.

Mariana deteve-se, antes de entrar na casa, aturdida ante a beleza do lugar, que tanto contrastava com os ambientes reduzidos e sórdidos onde se habituara a residir.

A lâmpada elétrica, fixada na cobertura do portão, iluminou o velho que o abria. Desgrenhado e mal vestido, oferecia aspecto repulsivo.

Mariana perguntou a quem pertencia a propriedade.

Olhou-a irritado.

– É minha e de Valdomiro. Sou pai dele.

Acomodou Luís, ainda adormecido, na cama de um dos quartos. Ana Lúcia deitou-se na outra e reencontrou o sono. Mariana voltou à sala, onde se encontravam Rocha e Pedro. O velho desaparecera.

Quando se sentou à mesa, os dois interromperam a conversa. Sua voz evidenciava preocupação, ao indagar:

– Acha que nos sairemos bem?

– Sem dúvida – replicou Rocha. – Tudo caminha como o previsto.

– Não estou muito certa.

– Valdomiro disse que amanhã teremos o dinheiro.

– E depois?

– Como depois? Dividiremos a grana e acabou-se a sociedade.

– Sim. E as crianças?

Rocha olhou para Pedro, contrafeito. O outro encolheu os ombros e disse:

– Para que a preocupação? Largamos os meninos na estrada e avisamos os pais. Nenhum problema.

A réplica surgiu firme, pausada:

– Sabe tanto quanto eu que não é intenção de Valdomiro fazer isso. Se tivéssemos apenas o garoto, acredito que cumpriria o prometido aos pais. A presença da menina complicou tudo.

O mal-estar de ambos era evidente. Pedro rompeu o breve silêncio:

- Valdomiro dará um jeito.
- Empregará o modo mais simples.

Passando bruscamente o dorso do polegar da mão direita na garganta, significou o que pensava. Rocha interveio.

– Mudemos de assunto. Se Valdomiro escutasse o que você disse, Mariana, nem quero imaginar a reação.

- São uns frouxos. Morrem de medo dele.
- Cale a boca, mulher – gritou Rocha.

Ela ignorou a intimação.

– O acordo não incluía assassínio. Acertamos que mesmo não conseguindo o dinheiro, deixaríamos o garoto vivo e com boa saúde.

Rocha abanou a cabeça, irritado.

– Quem imaginaria o problema da menina? Foi um azar desgraçado.

Mariana dirigiu-se à cozinha. Precisava ocupar-se de alguma coisa, para reduzir a tensão. Aqueceu café e descobriu biscoitos. Levou-os à mesa e voltou ao quarto, fracamente iluminado pela lâmpada de cabeceira.

Os meninos dormiam profundamente. Sentia-se gasta e desanimada. Repousou na velha poltrona. Os olhos pousaram na figura débil de Luís, que ressonava brandamente, com a boca semi-aberta.

As pálpebras desceram e a lembrança arrastou-a de volta à casa do bairro da Luz. Embora não demonstrasse, experimentara grande pena do menino soluçante, apavorado, sem compreender o que se passava, agarrado à irmã, como única defesa.

Nunca tivera filho. Gostaria que um garoto, como Luís, nos momentos de aflição, corresse para seus braços e a chamasse de mãe.

DESCOBRE-SE A PISTA

Pessoa não abandonava o gabinete de trabalho. Coordenava as atividades de Juarez e de Costa, que procediam às investigações, em círculo, tendo por centro o local onde fora encontrado o Galaxie.

Resistira à tentação de participar do trabalho de rua. Era muito conhecido no submundo. Sua atividade chegaria logo ao conhecimento dos raptos, que poderiam antecipar o sacrifício dos menores.

– A prática na perseguição dos criminosos – dissera pelo telefone ao Secretário da Segurança – permite-me, de certo modo, prever suas

reações. Vivem atualmente num clima de apreensões, nervosismo e esperanças. Qualquer fator inesperado pode alterar seu precário equilíbrio emocional, levando-os à violência, muitas vezes sem necessidade ou explicação. Tenho de manter-me na sombra.

Afastou-se logo a hipótese de o carro haver rodado, sem deter-se, desde o início do ato criminoso. O motorista do Doutor Januário anotava, todos os dias, a quilometragem percorrida na véspera. A variação havida, após o rapto, não superava quinze quilômetros, que corresponderiam ao trajeto percorrido, do bairro da Cidade Jardim ao local do abandono do veículo.

Pessoa começava a desesperar-se diante da falta de resultados, quando recebeu telefonema de Costa.

– Parece que a sorte está virando para o nosso lado, chefe. Localizei um camarada que ficou intrigado, ao ver um carro de alto preço, como é o Galaxie, recolhido numa casa de aparência miserável.

– Entrou na tal casa?

– Não. Vim telefonar-lhe, em busca de instrução.

– Agüente a mão. Se alguém sair, use a sua imaginação. Preciso saber aonde vai. Em minutos, estarei aí, com o Juarez.

O carro policial arrancou velozmente, abrindo caminho com a sirene. Em quinze minutos, estacionava ao lado de Costa.

– Nada ocorreu – avisou este. – A casa parece abandonada.

– Vamos entrar.

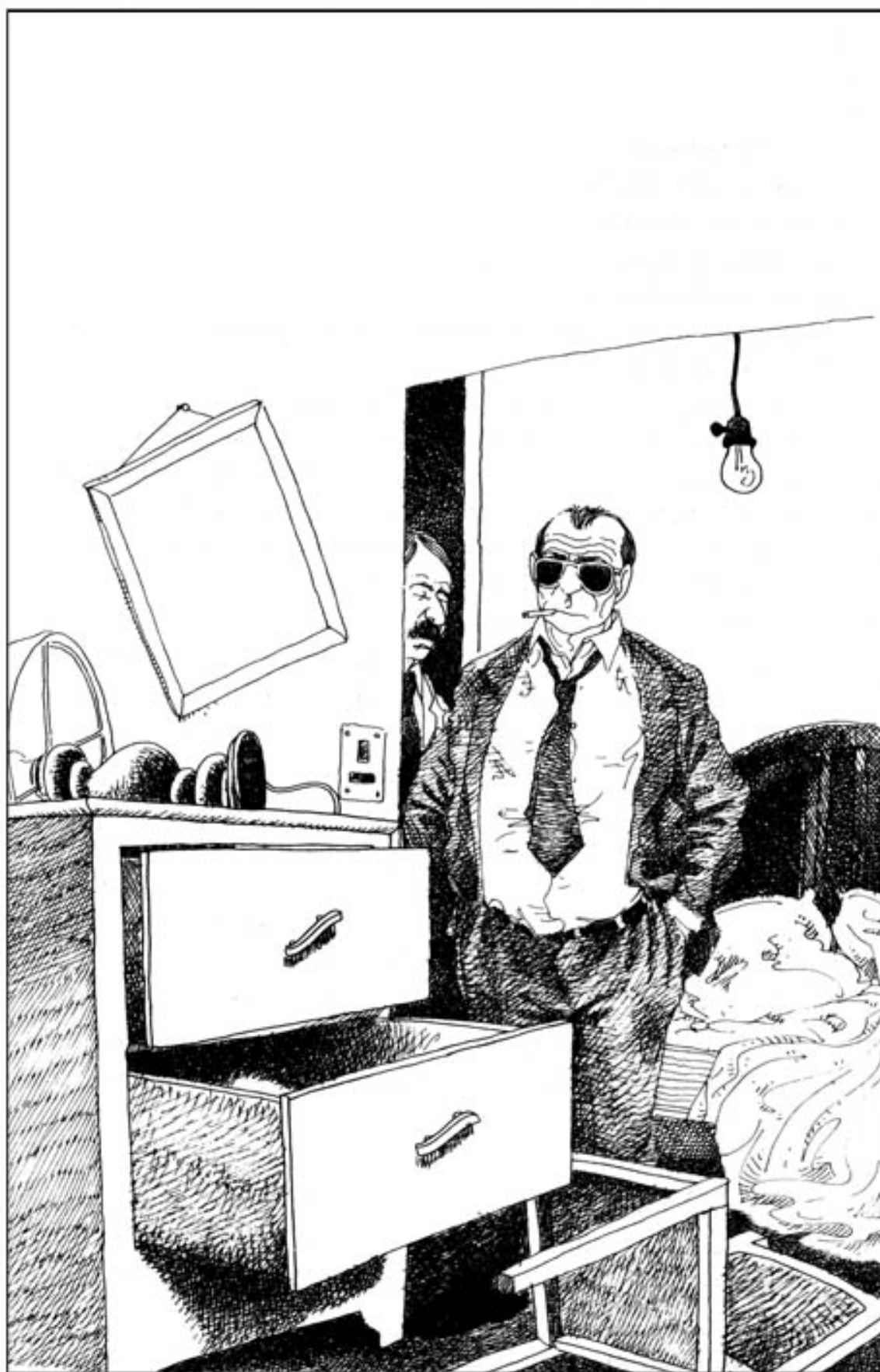
Como ninguém atendesse aos toques insistentes de campainha, Pessoa ordenou ao experiente Juarez que abrisse o portão, de qualquer forma.

Em cinco minutos, vasculhavam a residência. Havia indícios de ocupação recente, inclusive por crianças.

– Devem ser os filhos do Doutor Januário – palpitou Juarez. – Mas para onde teriam sido levados?

Costa não perdia tempo com conjecturas. Procedia ao exame minucioso de toda a casa, inclusive do quarto em que haviam sido mantidos os garotos. O pequeno pedaço de papel semi-amassado, que Mariana deixara sobre a cama, fora arremessado ao chão pela rajada de vento, provocada pela abertura brusca da porta do quarto. Rolara para debaixo da cômoda, ficando oculto junto ao rodapé.

Os policiais não escondiam a decepção. Sabiam que, a cada minuto, se reduzia a possibilidade de encontrar os meninos vivos. Pessoa não tardou a reagir:



Havia indícios de ocupação recente, inclusive por crianças: — Devem ser os filhos do Doutor Januário, mas para onde teriam sido levados?

– Não tem nada, não. Chegaremos a tempo. Vou examinar os arquivos e descobrir quem é o bandido que tanto me odeia.

A SINISTRA DECISÃO

Quando Valdomiro e Arnaldo chegaram ao novo esconderijo, Mariana dormia. Conversaram, por poucos minutos, com Rocha e Pedro.

Consultando o relógio, o chefe decidiu:

– Meia noite e quinze. Estamos todos pregados; melhor descansarmos.

Estabeleceu:

– Até duas e meia, Rocha ficará de guarda, em frente à porta do quarto ocupado pelos garotos. Não dorme e não arreda, por nenhum motivo. Será substituído por Pedro, que irá até às cinco. O turno seguinte será de Arnaldo. Os quinze minutos de diferença, a favor de Rocha, serão mais tarde compensados.

Acrescentou, interpretando a interrogação do olhar de Pedro:

– Estarei sempre por perto. Ficarei acordado mais tempo do que vocês.

Perguntou a Rocha:

– E a janela do quarto?

– Martelei alguns pregos; não conseguirão abrir. Os vidros são pequenos. Nem o garoto passaria, se estivessem quebrados.

Pouco antes de terminar o turno de Pedro, Valdomiro surgiu, bocejando.

– Bom aparecer – disse o outro, em voz baixa. Continuou:

– Precisava contar-lhe. Mariana preocupa-me. Parece gamada pelos garotos.

– Como sabe?

Pedro reproduziu as expressões da companheira, em relação ao futuro das crianças. A preocupação de Valdomiro revelou-se apenas no olhar sombrio. Tranqüilizou o comparsa.

– Não dê muita importância a isso. O que lhe interessa é grana. Quando convencer-se de que o lucro corre perigo, mandará ao diabo os escrúpulos. Ajudará no que tiver de ser feito.

Concluiu:

– Em todo o caso, ficarei atento. Nenhum sentimentalismo atrapalhará a operação.

Valdomiro sabia que estava perdendo o controle dos companheiros. A relativa inatividade e a pressão psicológica corroíam o compromisso de disciplina, que eles haviam aceito como premissa para o estabelecimento do plano.

Reagira, violenta e excessivamente, contra a atitude desafiadora de Pedro, em casa de Rocha, com o objetivo de reafirmar a própria autoridade.

Desconfiara e, naquele momento, adquirira certeza de que Mariana não se amedrontara. Atrevia-se a questionar determinações, dando alento à rebeldia.

"O sacrifício dos menores é inevitável", decidiu, intimamente. "Não hesitarei em executar quem se oponha. É a única solução que pode assegurar a tranqüilidade, depois de recebermos o dinheiro".

Reafirmou, para si mesmo: "Se Mariana teimar, receberá o que merece. Não deixarei rastro e nem pouparei possível delator".

Avaliava o risco da morte da mulher. Ela gozava de prestígio, entre os companheiros. Mais de uma vez, ajudara-os, nas situações difíceis.

Murmurou, como forma de firmar a própria deliberação:

– Preciso agir cautelosamente, desconfiar dos companheiros, comunicar-lhes apenas o necessário, para o desenvolvimento da operação. Devo preparar-me para abandoná-los, se surgirem rebeldias incontroláveis ou riscos decorrentes da incompetência ou do absurdo sentimentalismo.

Deitou-se no sofá da sala, mas não conseguiu descansar. No seu cérebro, agitavam-se emoções em que predominavam o medo e a ambição de lucro.

BEATRIZ E ROBERTO PARTEM PARA A AVENTURA

Cinco da manhã. Na Pensão Independência, ninguém ainda acordara. O som agudo do despertador invadiu o quarto de Roberto, arrancando-o de sono profundo.

Estonteado, sentou-se na cama. Lembrou-se logo do motivo que o obrigava a levantar tão cedo.

Um banho frio e rápido ajudou-o a readquirir a energia habitual. Vestiu a calça jeans e a túnica branca. Preferiu o tênis, que lhe oferecia mais conforto e segurança, para aquela jornada de aventura.

O ar frio da madrugada, penetrando pela janela, convenceu-o a trocar a túnica por um blusão grosso. Levaria a túnica, para usá-la, quando se apresentasse a ocasião.

Saiu quase correndo do quarto. Passou pela cozinha, apanhou pedaço de pão, que enlambuzou de manteiga, e logo estava na rua.

A manhã ainda lutava com a escuridão da noite; tons avermelhados, no horizonte, anunciavam o surgimento do sol e prometiam um belo dia.

O ônibus não demorou, levando-o bem próximo da residência de Beatriz. Do ponto em que saltou, dirigiu-se a passo acelerado à casa da amiga.

Antes que apertasse a campainha, a porta abriu-se, surgindo a figura sorridente da moça.

– Estava à espera. Quando parou à porta, não tive dúvida de que era você.

Fascinado, Roberto olhava a figura encantadora, emoldurada pelos umbrais.

– Oi – disse ela –, parece que viu assombração.

– Fiquei surpreso.

– Essa é boa! Vem à minha casa, para encontrar-me, pára à porta e surpreende-se porque apareço!

Ele riu e não replicou. Precisaria confessar que ficara sem fôlego, quando a vira, naquele amanhecer. A luz suave emprestava reflexo diferente aos seus cabelos; no rosto, ainda ensombrado, os olhos adquiriam brilho quase misterioso.

– Venha tomar café – convidou. – Garanto que ainda não tomou.

– Errou. Comi um belo pedaço de pão, pelo caminho – contestou, rindo.

– Merece um reforço. Dirigiram-se à pequena copa. A mesa estava posta com capricho. Café, leite, ovos fritos, pão e doce de abóbora.

– Mas é um banquete!

– Nada de zombaria, senão retiro o convite.

Sentou-se à frente da moça, que serviu a ambos.

– Esperava você, para tomarmos café juntos.

Sorriu, embaraçado. Apelou para toda a sua coragem, para comunicar-lhe a decisão.

– Pensei melhor, Beatriz. Você não poderá ir.

– Como? Não entendi.

Roberto repetiu.

– Nada disso – replicou ela, com vivacidade. – Não me deixará de lado.

– Haverá perigo.

– Será tão arriscado para mim, como para você. Só haveria uma solução: desistirmos ambos. Se for, ninguém o livrará da minha companhia. Não adiantam argumentos – desafiou a garota.

Roberto silenciou. Contava com a recusa, mas pensara poder vencer a resistência. A firmeza da reação convenceu-o de que se enganara; não adiantaria argumentar. E também existia o fator tempo. Da demora poderiam resultar conseqüências terrivelmente perigosas para os garotos.

Suspirou, desanimado.

– Detestaria perder a sua companhia, mas a parada vai ser da pesada. Pode haver desgraça. Ficaria desesperado se lhe acontecesse algo.

Suavizou-se a fisionomia da jovem. Sua mão pousou, brandamente, na de Roberto. As palavras assumiram entonação terna.

– Compreendo, mas imagina minha aflição, se ficasse pensando nos riscos que enfrentará, sem contar com quem o ajude? Minha utilidade é muito limitada, mesmo assim... Interrompeu a frase, com receio de trair a emoção, mas ela era evidente e comunicou-se ao companheiro. Ficaram em silêncio, esquecidos de tudo e de todos. Somente eles existiam. A moça rompeu o encantamento.

– Acabou-se a discussão. Vamos apanhar a moto. Já perdemos muito tempo.

Terminaram rapidamente a refeição e empurraram a máquina para a rua, afastando-se da porta da casa. Só então Roberto ligou. Evitava, assim, que o ruído perturbasse o sono da mãe de Beatriz.

Levavam barraca e alguns apetrechos de camping.

– Farão parte do nosso disfarce – gracejou a moça.

Após os primeiros minutos, Beatriz convenceu-se de que Roberto não exagerara. Era excepcionalmente hábil, como motociclista. Por volta das sete horas, atravessou para a outra via da BR-116, ficando na direção de São Paulo. Estacionou na primeira entrada.

Avistou logo o boteco. Das seis às sete horas, era ponto obrigatório de parada dos trabalhadores da firma empreiteira encarregada de

trabalhos na estrada. Depois, o número de fregueses reduzia-se, para aumentar às dez e meia.

Quando chegaram, começava a rarear a freguesia. Roberto pediu café e procurou conversar. Alegou estar à procura de Seu Clóvis, que viveria nos arredores.

Não. Ninguém o conhecia. Roberto insistiu:

– Deve ter chegado há um ou dois dias. O senhor não soube do aparecimento de algum estranho? Certamente, estaria acompanhado. Também haveria crianças.

A resposta do dono do bar trouxe esperança.

– Sim. Tenho notado que aquela casa – indicou uma chácara a trezentos metros de distância – recebeu gente nova, de uns oito dias para cá. Não vi quem é ou quantas pessoas chegaram.

Pensou e prosseguiu:

– Ontem, pararam dois carros lá. Entraram pelo portão.

– Seu Clóvis anda sempre com um cachorro policial preto, bicho bravo – sondou a esperta Beatriz.

– Na chácara não há cão. Pelo menos nunca vi.

Voltaram para junto da moto, convencidos que haviam localizado o esconderijo dos bandidos. Estariam as crianças com eles?

– Para acabar com a dúvida, somente entrando na residência, o que não é mole. Precisamos de ajuda.

– E quem poderia e gostaria de auxiliar?

– Na certa o Rui Melo.

– Não conheço.

– É claro que você conhece. Apresentei a você. Foi no clube. Aquele cara alto, meio envergonhado, que pratica caratê. É o melhor da turma. Também líder. Poderia trazer dois ou três companheiros.

– Onde poderia encontrá-lo?

– No clube. Sábado não trabalha. Chega por volta das oito, e não sai antes do anoitecer.

– Por que não telefona?

– É uma idéia.

Outra preocupação dominava Roberto.

– Devemos descobrir logo se os meninos estão na chácara. Não dá para ficarmos muito tempo aqui, por dois motivos. Primeiro: tenho

apenas Cr\$ 500,00, que mal dá para um sanduíche. Não podemos passar o dia esfomeados.

– Motivo cancelado – disse ela, rindo, enquanto tirava da bolsa três notas de mil cruzeiros. – Estou, isto é, estamos ricos. Qual a outra razão?

– Não pode ficar fora de casa o dia todo. E muito menos à noite. Sua mãe ficará alarmada.

– Telefone.

– Para dizer o quê? Mentir? Francamente, não tenho jeito para tentar tapear Dona Aurora. Sempre foi muito legal.

Ficaram, um instante, silenciosos. Beatriz comentou:

– E mais: não sou boa para enganar. Gaguejo, fico vermelha como um rabanete. Um fracasso. Já disfarcei a verdade, para vir. Sinto-me culpada.

Roberto superou, logo, o impasse.

– Deixemos o problema para mais tarde. Talvez a gente solucione tudo logo. O importante é decidir qual a primeira providência a tomar.

Ela sugeriu:

– Que tal tocarmos a campainha e usarmos, novamente, o lance da procura do Seu Clóvis?

Riram. Acrescentou:

– Começo a gostar desse aliado. Acho que vou chamá-lo de tio. Tio Clóvis não soa bem?

Roberto abanou a cabeça, divertido.

– A idéia é boa e ficará melhor se eu for só. Você aguardará, para providenciar socorro, se algo suceder de mau.

Completo, rindo:

– Às oito atacaremos. Tenho a impressão de que bandido dorme até tarde.

Roberto enganava-se, em parte. Mariana levantara-se às seis. Acordara às cinco e não conciliara o sono. O nervosismo e a preocupação mantinham-na agitada.

A PERIGOSA INVASÃO

O toque da campainha arrancou Valdomiro da sonolência que o envolvera. Deixou, rapidamente, o sofá, ao mesmo tempo que Mariana chegava da cozinha.

Ela indagou:

– Espera alguém?

– Para esta hora, não. Atenda com cuidado.

A mulher dirigiu-se ao portão, falando pela abertura que havia no mesmo.

– Que deseja?

Do outro lado, Roberto sorria. Vestia roupa de limpeza duvidosa. Trocara o blusão pela túnica branca.

– Oi, irmã. Paz – levantou dois dedos da mão direita, no gesto consagrado da saudação *hippie*. Ela o observava, desconfiada. Roberto continuou:

– Perdoe se aborreço. Procuro o amigo Clóvis. Poderia chamá-lo?

– Um momento. Entrou na casa, em busca de Valdomiro.

– Conhece alguém chamado Clóvis? Um rapaz pergunta por ele.

A inquietação do chefe aumentou. Mordeu o lábio inferior, nervosamente.

– Não sei de ninguém com esse nome. Esse cara pode ser um policial.

Ela encolheu os ombros.

– Calma, Valdomiro. Não passa de um garoto. Deve ter, no máximo, 18 anos. Um *hippie*.

– Precisamos ter cuidado – resmungou, evidentemente ressentido com a desenvoltura de Mariana. Completou, com autoridade:

– Examine bem o tipo. Tente descobrir se realmente é o que parece.

A breve ausência da mulher fora aproveitada por Roberto, para tomar conhecimento do terreno. As cercas de arame farpado, dos fundos e das laterais, tanto quanto podia enxergar, através da abertura existente no portão, pareciam falhas, permitindo fácil transposição. A vegetação crescia indisciplinadamente. O mato alastrava-se e alteava, sufocando as plantas ornamentais; ameaçava até a copa de árvores menores. Esta circunstância – pensou Roberto –, facilitaria a tarefa de quem pretendesse aproximar-se da casa, sem ser pressentido.

No lado esquerdo da casa, abriam-se três janelas. Duas, com venezianas, pertenceriam aos quartos; a terceira, com basculante, serviria à cozinha.



— Oi, irmã. Paz — disse, fazendo o gesto consagrado da saudação hippie. Ela o observava desconfiada.

Convenceu-se de que chegar junto à casa seria relativamente fácil. O problema estaria em entrar.

Afastou o pessimismo. Encontraria o meio de superar a dificuldade, ainda naquele dia.

Mariana voltara ao portão.

– Está enganado. Ninguém conhece o seu amigo.

– Uma pena. Ele explicou com tanta clareza! Tenho notícias boas e importantes para ele.

Despediu-se, agradecendo, mas não voltou, de imediato, para junto de Beatriz. Temia que o seguissem e também desejava prolongar a investigação.

Tomou a estrada e, quando se convenceu de que não mais podia ser visto pela mulher, entrou rapidamente no terreno ao lado, ocultando-se no matagal.

Evitando ruído e, quanto possível, a agitação da folhagem, aproximou-se de uma das precárias cercas de arame.

Demorou-se, agachado, examinando o terreno que dava para o lado esquerdo da casa. Sentiu, logo, o ataque astuto e perverso do micuim, que sempre o tivera como vítima predileta. Logo teria de empreender a caçada do terrível carrapatinho.

Ninguém à vista.

Definido o trajeto entre a vegetação para aproximar-se da casa, correu em direção ao edifício e colou-se à parede. A sorte continuava ajudando.

Fez uma pausa, para tomar alento e certificar-se de que não fora descoberto. Tudo em paz. Deslizou, silenciosamente, junto à parede, até ficar sob uma das janelas, que distava do chão cerca de dois metros.

A veneziana estava aberta, mas a esquadria guarnecida de vidros da janela de guilhotina encontrava-se descida. Pequenas barras de ferro impediam o acesso pela janela.

Avistou um engradado de garrafas. Encostou-o à parede e subiu, contendo exclamação de alegria: avistara Ana Lúcia e Luís, que conhecia por fotografias obtidas pelo jornal, sentados na cama. Ninguém mais no quarto. Ouviu vozes; os bandidos estavam na sala.

Tamborilou, de leve, na vidraça e a menina voltou, para sua direção, o rosto pálido, cujos olhos traduziam apavorado nervosismo. Luís dormitava.

Tentou levantar a janela. Estava solidamente pregada. Pôs o indicador nos lábios, pedindo silêncio. Com gestos, explicou que voltaria. Sentiu-se gratificado, quando verificou que a tensão, no rosto da menina, diminuía e ela retribuía, com esforço, o sorriso.

Desceu, cautelosamente, alcançou a estrada e dirigiu-se, a passo rápido, ao encontro de Beatriz.

Foi recebido com um suspiro de alívio. Intranquila pela demora, ela preparava-se para tomar providências. A primeira seria bater resolutamente no portão e procurar por Roberto, embora a apavorasse ter de enfrentar os bandidos.

Sem dar tempo a reclamações, o rapaz narrou o que acontecera. Quando terminou, ouviu o protesto:

Procedeu muito mal. Devia avisar-me. Eu ficaria por perto, poderia auxiliar, dar o alarme, se fosse descoberto.

– Nada de zanga. A oportunidade surgiu e resolvi aproveitar. Estava muito preocupado. Os bandidos poderiam ter liquidado os meninos. Precisava saber.

O rosto de Roberto abriu-se num sorriso.

– Não imagina como fiquei aliviado. Parece que estão bem; a garota mostra-se muito assustada. Mas quem não ficaria?

O alegre entusiasmo de Beatriz manifestou-se:

– Que boa notícia! Seria formidável, se comunicássemos aos pais. Na certa estão desesperados.

– Tem razão. Precisamos arranjar meio de avisar, sem despertar suspeita de Alceu; caso contrário, haveria perigo para os garotos e para nós.

Continuou:

– Avaliei as possibilidades de libertar os meninos. Estão montando guarda a mulher com quem falei e três ou quatro homens. É o que calculo, pelas vozes que distingui. Parece que, no quarto, ficam apenas os meninos.

Enganava-se, neste pormenor. Mariana raramente deixava o aposento. Temia que Valdomiro adotasse medidas violentas, embora se esforçasse para acreditar num final sem morte e sem sofrimento.

Beatriz observou:

– A Polícia estaria mais habilitada a solucionar o caso.

– De acordo, mas o Governador proibiu que ela agisse. Até obter modificação da ordem, provavelmente seria tarde. Já ouviu falar em burocracia?

Sem esperar resposta, continuou:

– E também haveria o problema do sigilo. Dos entendimentos entre a Polícia e o Governador, que talvez quisesse ouvir o Doutor Januário, vazariam informações.

Acrescentou, com ênfase:

– Não se esqueça do Alceu, que anda pelos gabinetes dos delegados e do Secretário da Segurança. Correria para levar a notícia a Valdomiro, que apressaria a execução.

– Que fazer, então?

– Arranjar outra espécie de ajuda. Telefonarei para o clube, à procura do Rui. Ele e a turma logo estarão aqui, penso eu. Verá do que são capazes.

Quinze minutos depois, falava com o amigo, pelo telefone público mais próximo:

– Estou num aperto, companheiro. Negócio perigoso, que só poderei explicar se puder vir com mais uns dois colegas de luta.

– Sem problema. Quando chegarmos, dirá de que se trata.

Roberto indicou a maneira mais fácil de chegarem ao local. Sugeriu que tomassem um táxi.

– Não é necessário. Levo o Almeida, que tem carro. É antigo, mas anda uma barbaridade. Por dever de lealdade, Roberto reafirmou:

– Compreenda, Rui. Não iremos contra a lei, mas pode dar zebra, com tiros e outras formas de violência. Se quiser pensar, não reclamarei.

– Deixe pra lá. Se tudo fosse moleza, não teria graça. Vou desligar, para não perdermos tempo. Quando chegarmos, recomeçamos o nosso papo.

A atitude de Rui confortara-o. Excedera a expectativa. Eram amigos de apenas alguns meses. Poderia hesitar, desconfiar, apresentar desculpas, que seriam compreensíveis. Ao invés disso, fora solidário e fraterno.

Além da camaradagem de esportistas, talvez influísse o desejo de aventura, que interrompesse a rotina da sua vida. A voz de Beatriz chamou-o à realidade:

– Ele vem?

– Com mais dois.

– E quanto à Polícia?

– Vou pedir a opinião de quem sabe como se poderá chegar a ela, sem risco para os garotos: o Leo.

Esclareceu:

– É o chefe da reportagem policial.

– Já falei com ele. Pareceu-me boa gente.

– Alceu está sob suas ordens. É o que pode atrapalhar. Não será fácil que acredite na patifaria do seu auxiliar. Se não prometer inteira discrição, cairei fora.

Refletiu e continuou:

– Geralmente aparece no jornal pelo meio-dia. Se não tiver chegado, chamarei o Frederico. É pontual. Começa às dez horas, todos os dias, sem faltar um.

A alternativa deixou-o mais confiante.

– Sim. Frederico. Talvez seja o mais indicado; um camarada legal, com quem converso bastante.

Às dez horas, deixou Beatriz observando a possível movimentação na chácara e foi telefonar para o jornal. Leo não chegara.

– Inútil procurar em casa – advertiu a telefonista. – Foi a Sorocaba, para cobrir uma tentativa de greve.

Frederico, o responsável pela seção de futebol e fotógrafo amador, atendeu logo.

– Preciso de sua ajuda para uma reportagem sensacional.

– Opa! Que entusiasmo! – foi o comentário zombeteiro.

– Não brinque, Frederico. É coisa grande, para manchete de primeira página.

– Ora, vamos, garoto. Diga logo de que se trata.

– Com uma condição: por enquanto, o assunto ficará entre nós dois. Somente entre mim e você.

– Pô! Quanto mistério!

– Há pessoas em risco de vida, Frederico. Se esquecer do combinado, não sei o que acontecerá a elas e a nós.

– Falou em nós. Quem está com você?

– Beatriz.

– Aquela doçura da Publicidade?

Roberto concordou, maldizendo-se, intimamente, pela indiscrição.

– Sim, a datilógrafa.

– Não perde tempo hein, Dante?

– Que Dante é esse?

– Dante Alighieri, ignorante. O tal da Divina Comédia. Beatriz foi o caso dele.

– Vamos em frente, amigo. Posso contar com você?

– Claro!

– O primeiro cuidado é evitar que o Alceu fareje o assunto.

– Esta, agora! Tem medo que roube a reportagem?

– Se isso ocorresse, pouco me importaria, mas ele tornou-se um perigo para nós. Ele está com os marginais. Tenho provas.

– Enlouqueceu.

– Não há tempo para discutirmos. Precisa acreditar. Se Alceu suspeitar de nossa atividade, não darei um centavo pela segurança de quatro pessoas.

– Bárbaro! Está sinistro, menino. Bem, nada de Alceu. Continue.

Enquanto discorria, resumidamente, sobre os acontecimentos, notou que se modificava a disposição de Frederico. Abandonara o tom irônico e tornara-se grave:

– Tenha muito cuidado. Nada de demonstrações heróicas, de entusiasmos bobos. Podem custar a sua vida e a de Beatriz. Aguarde a chegada da Polícia.

– Nisso é que está o perigo mais próximo. Assim que falar com o delegado, Alceu saberá e se comunicará com Valdomiro.

– Não levarei o assunto oficialmente à Polícia. Conheço Antônio Pessoa, chefe dos investigadores. Boa praça. Deve estar doido para interferir, mesmo contra a vontade do Governador. Não tolera a desfaçatez dos bandidos.

– Mas...

– Confie, parceiro. Pessoa é esperto. Saberá movimentar a máquina policial, sem revelar os objetivos.

– Faça o que julgar acertado.

Frederico voltou a advertir:

– Aguardem a chegada da Polícia. Fiquem apenas observando, e a boa distância. Esses bandidos não saíram de histórias em quadrinhos. São cruéis. Matam mesmo.

– Sei que o risco é grande.

– E o perigo não é só para você. Lembre-se de Beatriz e dos meninos.

– Mas claro, não sou tonto – interrompeu Roberto, algo impaciente.

– Calma, companheiro. Não leve a mal.

– Preciso desligar. Não convém deixar Beatriz sozinha. Está perto da toca, observando o inimigo.

– Então, está legal, malandro. Apanho a máquina fotográfica e me mando para aí, o mais depressa possível, com ou sem a Polícia.

*

Frederico falaria com Antônio, por volta do meio-dia. Não teve dificuldade para convencê-lo. O chefe dos investigadores estava ansioso por uma pista.

Não desprezou a recomendação de sigilo, principalmente em relação a Alceu. Desconfiava, ultimamente, de vazamento de informações sobre as atividades da Polícia. O repórter policial poderia ser um dos responsáveis.

A preocupação de Antônio Pessoa aumentara. O perigo não ameaçava apenas os filhos do Doutor Januário. Dois novos personagens surgiam em cena, Roberto e Beatriz, cuja mocidade e inexperiência representavam um desafio à fatalidade. Precisava defendê-los.

*

– Que papo mais longo – comentou Beatriz.

– Precisei explicar. Difícil convencer Frederico da traição de Alceu. Lealdade de companheiro de trabalho.

– Observou a expressão algo divertida de Roberto.

– Qual foi a graça?

Ele sorriu.

– Bobagem. Chamou-me de Dante. Acha que tento conquistar Beatriz.

Combateu a terna emoção que o olhar da moça despertava. Acrescentou, desajeitado:

– Não se aborreça. Quando voltarmos, farei Frederico compreender que somos amigos, nada mais.

– Sim, apenas bons companheiros – confirmou ela, mas a suavidade com que falou não era muito convincente.

*

Aguardaram Rui e Frederico, sob uma árvore frondosa, não muito longe do portão da chácara. Podiam vigiá-lo, discretamente.

Sanduíches e refrigerantes controlaram o apetite, estimulado pelos incidentes da primeira parte do dia, cheio de nervosa atividade.

AS DÚVIDAS DE MARIANA

Depois que Roberto se afastou com um sorriso amável, Mariana permaneceu algum tempo observando o indesejado visitante, que seguia pela estrada, a passo ligeiro e elástico. Desconfiava. Algo indefinido não se ajustava à imagem de *hippie* que idealizava.

Voltou, sem pressa, à casa.

Sorria, silenciosamente. Quando pensava em *hippie*, visualizava alguém barbado, sujo, irreverente. Era, provavelmente, uma idéia falsa, derivada de sua incapacidade de compreender aqueles jovens rebeldes.

Encolheu os ombros. Começava a irritar-se consigo mesma. Por que tanta suspeita? Por que amofinar-se, com temores provavelmente injustificados?

Valdomiro aguardava na sala.

– Livrou-se do *hippie*?

– Não foi difícil. Tudo parece bem. Se houvesse melhor entendimento entre eles, comunicaria sua apreensão, embora inconsistente. Talvez ficasse mais aliviada.

Evitava conversar com o chefe. Temia as manifestações do seu caráter violento e nem sempre justo. Valdomiro mostrava-se constantemente disposto a criticar os companheiros, atribuindo-lhes faltas muitas vezes imaginárias.

Resolveu falar com Rocha, embora não tivesse em boa conta a sua capacidade de aconselhar ou, pelo menos, de ajudar a decidir.

Ainda o amava. Desencantos e privações não haviam destruído os sentimentos que a levaram a casar com aquele indivíduo fraco e inseguro. Tratava-o quase como filho, relevando suas faltas repetidas e nunca perdendo a esperança de começar, com ele, uma vida de tranquilidade e de segurança.

Passou pela porta do quarto em que se encontravam os seqüestrados. Empurrou-a, suavemente.

Ana Lúcia falava com Luís. Silenciou, quando Mariana abriu a porta. Ela não distinguiu o que diziam. Observou que haviam comido pouco da bandeja da primeira refeição.

Indagou:

– Sem fome?

Ana Lúcia respondeu:

– Um pouco. Se pudéssemos andar um pouco, aí fora...

– Logo tudo estará terminado e vocês irão para casa.

Acrescentou:

– Se precisarem de alguma coisa, batam nessa parede – indicou-a.
– Estarei no outro lado, atenta.

Cerrou a porta e dirigiu-se ao quarto contíguo, que ocupava com Rocha. Ele dormitava, cansado da vigília. Acordou completamente, quando a mulher entrou.

– Apareceu um rapaz – disse ela. – Afirmou procurar alguém, chamado Clóvis. Disse que eram amigos. Talvez não passe de pretexto para aproximar-se desta casa.

– Seria da Polícia?

– Provavelmente, não. Pareceu-me um adolescente, um garotão.

– Então, por que se preocupar?

– Não sei. Bobagem, mas às vezes tenho pressentimentos que dão certo. A visita não me agradou.

Suspirou e mudou de assunto:

– Não estou agüentando esta vida. Passamos todo o tempo com medo, à espera da explosão que nos levará para o outro mundo, ou para alguma prisão, fria e suja.

– Resista um pouco mais. Depois de recebermos a nossa parte, a gente pode ir para longe. Será o primeiro passo para a libertação.

– Você prometeu, quando saiu da prisão, mas foi dar ouvidos àqueles vadios que cercam Valdomiro. E aqui estamos.

– O serviço parecia fácil e precisávamos de dinheiro, mas confie em mim. Ainda terá sua casa e crianças para cuidar. Só peço um pouco mais de paciência.

Mariana sacudiu a cabeça, pensativa. Como desejava acreditar! Recebera outras promessas, que o tempo desmentira. A fraqueza de caráter do marido o impedia de realizar planos da regeneração, embora, intimamente, quisesse que eles abrissem novas perspectivas de vida.

– Este caso complicou-se muito – disse ela. – Eu sabia que não seria fácil. Desconfiava do otimismo de Valdomiro, mas ele recusava qualquer discussão.

– Se me falasse com franqueza, ele teria de ouvir.

Ela riu.

– Sua memória é fraca. Não se lembra de que evitou minha participação nas conversas?

– Você é meio agressiva; era necessário evitar choques.

Ela calou-se. Que adiantaria falar do passado? O interesse estava no presente, na sorte das crianças, no perigo que parecia rondar. Voltou a pensar na visita. De repente, decifrou o enigma. Encontrou o motivo de sua dúvida e apreensão. Exclamou, com vivacidade:

– É um disfarce. Aquele rapaz nunca foi *hippie*. A maneira enérgica e decidida com que se afastou não se ajusta à figura que procurava imitar.

A imaginação de Mariana tomou alento:

– Talvez tenha mais idade e pertença à Polícia.

– Sem fundamento. O Alceu nos avisaria. Ele sabe tudo da Polícia.

Mariana nem ouvira. Outra suposição a desafiava.

– Pode tratar-se de aventureiro, que o acaso tenha posto em nossa pista e deseje recompensa, ou parte do bolo.

Aventou outra hipótese:

– E se fosse um repórter, em busca de sensacionalismo?

Convencia-se:

– Sim. Esta hipótese parece mais viável. De qualquer forma, temos de alertar os companheiros. Esta casa tornou-se perigosa.

– O problema é convencer Valdomiro. O homem está obcecado.

– Devemos tentar.

CHEGAM OS COMPANHEIROS

Não muito longe, chegaram os companheiros antes do tempo previsto por Roberto.

O pesado e ruidoso carro foi detido, com freada brusca, em frente ao bar. Almeida, motorista amador e proprietário, recusava-se a dirigi-lo sem aceleradas fortes e brechadas ásperas.

– Isto é carro de homem – apregoava. – Andar devagar, mansamente, não está com nada.

A falsa arrogância machista não o dispensava de tratar o velho Itamarati com cuidados especiais. Abrigou-o sob a frondosa árvore e saltou. Desceram também os passageiros.

– Medo de estragar a pintura, bicho? – zombou Rui.

– Falou, cara. Olhe como está linda a máquina. Dei uma lustrada legal, no sábado passado.

Rui, Almeida, Zani e Jorge, os bons companheiros de clube, detiveram-se, no meio da rua, à procura de Roberto. Eram altos e fortes. Andavam com a leveza que a prática regular dos esportes de movimento proporciona.

– Avistaram-no logo.

Depois dos cumprimentos, Roberto observou, sorrindo, dirigindo-se a Rui:

– Amigo, trouxe um batalhão!

– Nenhum atrapalhará.

– Claro. O reforço é mais do que bem-vindo. Temos pela frente uma parada difícil; pode tornar-se muito perigosa.

Apresentou Beatriz, que o acompanhara e conservava-se afastada, depois de cumprimentar Rui, o único a quem conhecia.

Encaminharam-se para o local onde Roberto armara a barraca. Expôs, rápida, mas claramente, o que ocorria, sendo ouvido em silêncio e com toda a atenção. Concluiu:

– Como podem avaliar, o perigo estará presente desde o momento em que desafiarmos os bandidos. Pensem bem, antes de...

Rui interrompeu-o:

– Economize palavras, companheiro. Já me disse isso tudo pelo telefone, e os colegas estão sabendo o que nos espera. Vamos em frente. Traçou algum plano?

– Ainda não. Terão de ajudar, também nisso. O importante é agir com rapidez e determinação. Precisamos apanhar os garotos, antes que os bandidos tenham tempo de cumprir a promessa de liquidar os coitados.

Beatriz interveio, alarmada:

– Acho que não há tanta pressa. Seria mais prudente que esperássemos a chegada da Polícia. Ela deve ter sido avisada. Não pode demorar.

Continuou, algo nervosa:

– Investigadores e agentes têm prática em enfrentar esse tipo de gente; dispõem de armas e outros recursos.

As palavras da moça reduziram o entusiasmo. Roberto manteve-se calado. Não influiria na decisão dos amigos para levá-los a uma aventura, tão cheia de riscos.

Rui ponderou:

– Para nós, a espera seria a solução mais cômoda. E quanto às crianças? Acha que a demora não aumentaria o perigo que correm?

Abanou a cabeça e acrescentou:

– E não é só isso. Receio a forma de intervir da Polícia. Ela nunca chega silenciosamente. O ruído das viaturas e o movimento de estranhos, armados, alertariam os bandidos, que fugiriam levando as vítimas ou apressando a sua eliminação.

Beatriz tentou rebater os argumentos de Rui, mas sentiu que a opinião dos demais estava de acordo com a do rapaz. Não os poupou de uma última advertência:

– Que fique bem claro: enfrentarão gente muito perigosa. A ameaça de matar os meninos demonstra a sua maldade.

– Sossegue, moça – interveio Almeida. – Estamos bem avisados.

– Sabemos que não será nenhum piquenique. Foi a ocasião de o prático Zani manifestar-se:

– Tudo bem, mas, sem ofensa, perdemos tempo, que me parece importante. É melhor discutirmos o que fazer.

Tiveram, nesse momento, consciência da dificuldade da empresa. Precisavam tirar os meninos das mãos dos bandidos antes que eles dispusessem de tempo para sacrificá-los.

Zani definiu o que era evidente:

– O problema inicial consiste em atravessar o portão e, rapidamente, penetrar na casa.

– Sim – concordou Rui, algo impaciente. – Mas como conseguir? Poderíamos saltar o muro ou o portão, ou arrebentar a fechadura deste. Seria também possível dar a volta e varar a cerca, percorrendo caminho mais longo, para atingir a entrada da casa. Qualquer que fosse a escolha, seríamos pressentidos, bem antes de chegarmos às crianças. Haveria tempo para a fuga dos bandidos ou...

Zani interrompeu-o.

– Bolei um plano.

Ante a expectativa dos companheiros, esclareceu:

– Depende de ele concordar – indicou, com um gesto, o Almeida.

Este intimou, desconfiado:

– Deixe de suspense. Fale, garotão.

Os demais aguardavam com ansiedade a palavra de Zani. Ele preparava-se para sugerir a utilização de um elemento que teria influência decisiva naquela arriscada aventura.

MARIANA DESAFIA

Acompanhada de Rocha, Mariana deixou o quarto e penetrou na sala. Os três homens conversavam, à mesa. Sentou-se, em frente a Valdomiro.

– Refleti cuidadosamente sobre a visita que recebemos. Cheguei à conclusão de que o rapaz é tão *hippie* quanto qualquer de nós.

O silêncio traduziu apreensão e desconfiança.

– Continue – ordenou a voz irritada de Valdomiro.

Mariana expôs, com pormenores, as razões da suspeita.

– Por que não falou disso antes? – inquiriu Arnaldo.

– Somente agora tive certeza, ou quase. Acho melhor darmos o fora. E já.

Ante a indecisão dos companheiros, acrescentou:

– Se resolverem ficar, o problema é de vocês. Quanto a mim, partirei, antes que desabe a tempestade.

Valdomiro, até então calado, comandou, com voz forte:

– Calma. Nada de precipitação.

Continuou, pronunciando vagarosamente as palavras:

– Quem decide sou eu e não gosto de interferências, mas reconheço que Mariana está com a razão. Vamos mudar de esconderijo.

Depois de breve pausa:

– Não me convenci de que o rapaz seja espião, ou algo parecido. Mariana se assusta facilmente; excesso de imaginação. Se ele encontrasse motivo de suspeita contra nós, correria à Polícia; a esta hora, a chácara estaria cheia de tiras.

Deteve-se novamente e acrescentou:

– Mas não podemos facilitar.

Determinou:

– Vocês – acenou para os três homens – cuidem de apagar qualquer indício de nossa estada. Examinem tudo, começando pelo terreno, à volta da casa.

Rocha objetou:

– Que adiantaria? Encontrariam facilmente a sua pista. A propriedade não lhe pertence?

Valdomiro esboçou um sorriso.

– Que nada. Meu pai deve ter-lhes dito isso, mas é pura fantasia. Aluguei a chácara com nome falso e por intermédio de outra pessoa estranha.

Depois dos outros saírem, Valdomiro tocou levemente no braço de Mariana e indicou a cozinha.

– Ponha tudo em ordem.

Mariana observava-o, desconfiada. Estranhara a pronta adesão à proposta que apresentara. Viu-o dirigir-se ao quarto, que servia de prisão aos meninos. Indagou, alarmada:

– Que pretende fazer?

– Não lhe devo satisfações. Faça o serviço que mandei.

A mulher também se levantara.

– Deixe os garotos por minha conta. Terei tempo de atender à arrumação da cozinha e providenciar os preparativos deles para a viagem em nossa companhia.

Valdomiro falou baixo, soturnamente:

– Não irão. Acho que devem ser abandonados longe daqui. Teríamos mais tempo para desaparecer. A menina, é claro, nos denunciará assim que a Polícia chegar.

Não falara. Impossível continuar a farsa de mostrar-se desentendida. Encarou-o com dureza e falou:

– Deixe de ser idiota, Valdomiro...

A frase não se completou. Recuou, vivamente. O punho cerrado do bandido passou, com violência, a poucos centímetros do seu rosto. O movimento brusco fizera a cadeira de Mariana rolar.

Enfiou a mão no bolso amplo da saia e a lâmina da faca pontiaguda brilhou. Agitou-a raivosamente na direção da face de Valdomiro.

– Não se atreva, pilantra. Se me puser a mão, meto-lhe a peixeira, até o cabo. Sei trabalhar com isto.

A custo, Valdomiro conteve-se. Não duvidava de que Mariana cumpriria a promessa.

– Você me paga, bruxa. Não impedirá. Vou silenciar os meninos. A maioria, inclusive Rocha, já decidiu.

– Nada tenho com a maioria. Sei como consegue a adesão. Esses covardes tremem de medo, quando você ameaça.

Acrescentou, com voz apaixonada:

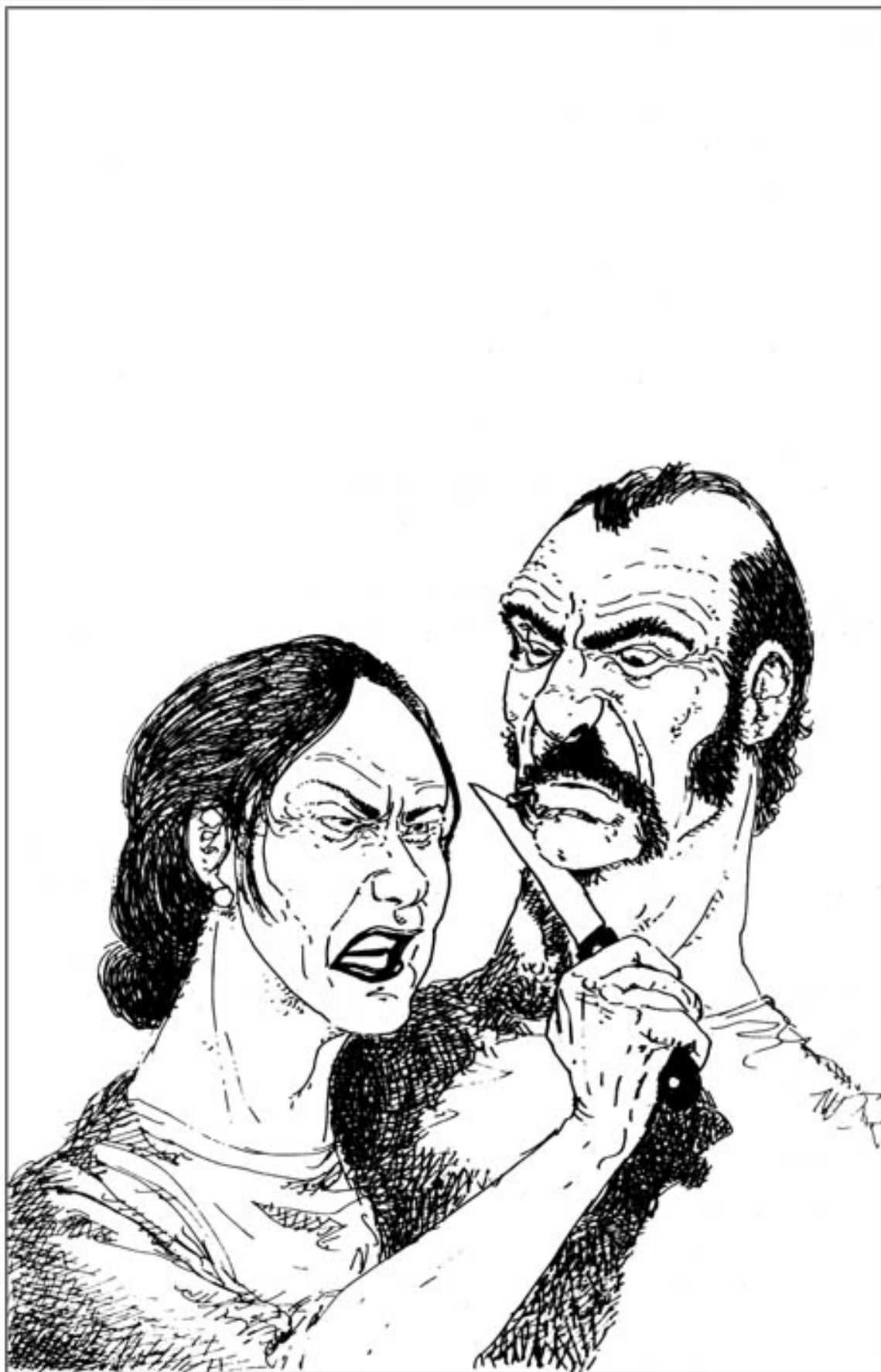
– Agora, ouça e reflita. Se matar os garotos, não teremos um minuto de sossego. A Polícia nos caçará vinte e quatro horas por dia. E não será para prender, mas para fuzilar.

O bate-boca atraía a atenção dos outros, que voltaram à sala e eram espectadores mudos e amedrontados. Valdomiro correu os olhos argutos pelas faces dos companheiros. Convenceu-se de que lhe escapava a condição de chefe. A liderança inclinava-se para Mariana. Relaxou.

– Está bem, está bem. Se acham arriscado, a gente reformula. Ainda acredito que seria a solução mais eficaz e, como chefe – enfatizou – devo cuidar da segurança de todos. Vamos sentar e discutir, com franqueza, até chegarmos à solução melhor.

Mariana guardou a faca no bolso, mas continuou, apreensivamente alerta. Valdomiro não era de concordar; suas palavras apaziguadoras significariam apenas o desejo de protelar. E ela convencera-se de que retardar a fuga significava perigo. Precisavam abandonar a chácara, com urgência.

Sentaram-se todos à mesa. Mariana defendeu, com ardor, a necessidade de imediata retirada e de libertação dos menores. Valdomiro zombou:



Agitou a faca dizendo: — Não se atreva, pilantra. Se me puser a mão, meto-lhe a peixeira. Sei trabalhar com isto.

– A moça apavorou-se. Não há perigo iminente. Podemos e devemos discutir, com calma. O mais arriscado seria fugir, como crianças assustadas, ignorando o que fazer e qual o caminho a tomar. Temos de traçar um plano, sem capricho ou sentimentalismo, e executarmos o combinado. Se não der certo, restará o consolo de pensar que agimos pelo melhor, como pessoas adultas e conscientes.

Mariana perdia terreno. A tranqüila segurança de Valdomiro impressionava os companheiros, que, aliás, relutariam em desistir da complementação daquela empresa criminosa. Continuavam fascinados ante a perspectiva dos grandes lucros prometidos.

Aparentando falsa tranqüilidade, Valdomiro agia sem afobação. Levantou-se e cerrou a porta do corredor.

– Melhor que os garotos nada ouçam – justificou.

Voltou a sentar-se. A interrupção esfriou o ardor de Mariana, que renovou, sem o mesmo empenho, os apelos para o rápido abandono do local. A recuperação de prestígio junto aos companheiros, por parte de Valdomiro, aumentava a apreensão dela quanto à sorte dos raptados.

PREPARANDO O ASSALTO

Zani demorou um pouco para esclarecer o seu plano de ataque ao esconderijo dos bandidos, sem dar-lhes tempo de reação.

Sentia pena de Almeida, porque conhecia o entusiasmo que dedicava ao carro, adquirido e mantido à custa de sacrifício. E a proposta colocava em risco o velho, mas bem tratado veículo.

Mas a solução tornava-se urgente. Cada minuto perdido poderia significar a precipitação da tragédia.

Falou, rapidamente:

– Estou pensando no seu carro. Pesa como um tanque de guerra e tem uma força! Você toma distância, engrena a primeira e vai com tudo para cima do portão. Num minuto, estaremos à porta da casa e, usando bom machado...

– Nem é necessário – objetou Roberto. – Examinei-a bem, embora de longe. É velha e fraca. Se alguém meter-lhe o pé, ou der um empurrão para valer, cai dentro da casa.

Almeida assustara-se com a perspectiva do choque.

– Acabará com o meu Itamarati – lamentou-se, desamparado.

– Que nada – contestou Jorge. – Com aqueles pára-choques! O portão não está com nada.

– Se houver estrago, faremos uma vaquinha para o conserto – propôs Rui.

– Eu me responsabilizo – assegurou Roberto. – Pago tudo.

– Muito bem! – debochou Jorge. – Falou o milionário.

A caçada passou despercebida. Rui perguntava a Almeida:

– E você, que diz?

O interrogado encolheu os ombros, com suspiro desalentado. Acusou:

– São uns miseráveis. Liquidarão minha jóia. Mas, está certo. Já me convenci, mas sob protesto.

Estava quase entusiasmado quando estabeleceu a estratégia para o assalto motorizado.

– Vou apanhar o carro, enquanto vocês se aproximam do portão, um a um, com todo o cuidado, para não serem pressentidos. Escondam-se perto. Roberto dirá qual o melhor lugar. Pisarei fundo o acelerador e me largo, à toda, contra aquela porcaria. Ela irá, em pedaços, para dentro do jardim. Será sopa. Então a infantaria, ou melhor, vocês, míseros pedestres, entram, de corrida, para meter os ombros na porta da casa. Feito?

Dirigiu-se velozmente para o lugar onde estacionara o carro, sem esperar confirmação.

Roberto disse:

– Encosto a moto à cerca. Se o Itamarati fraquejar, usaremos o selim para impulso, que levará, num pulo, para dentro da chácara. Lá, o terreno frente ao portão está limpo; não haverá perigo, mesmo que se caia de mau jeito.

Empurrou a máquina para o lugar que escolhera. Ele e os companheiros ocultaram-se atrás da moita, distante três metros da entrada. Estavam graves e atentos. Ia começar a grande aventura.

A VINGANÇA DE VALDOMIRO

Enquanto isso, o debate continuava no esconderijo. Na verdade, discutiam apenas Valdomiro e Mariana. Os demais, salvo rápidos apartes, limitavam-se a ouvir.

Se não estivessem empenhados na disputa interna, perceberiam a movimentação à porta da chácara. Roberto e companheiros não conseguiam disfarçar totalmente as suas manobras.

Mariana conseguiu o adiamento de ação violenta contra os menores.

– Bem – concordou Valdomiro. – Levaremos os garotos, embora dêem problemas. No trajeto, decidirei o que fazer.

Determinou:

– No fusca da frente, iremos eu, Rocha, Mariana e os dois garotos. No outro, vão os demais. Se perdermos contato, nós nos encontraremos no Bem-te-vi, às dez da noite, ainda hoje.

Levantavam-se para iniciar a retirada, quando forte estrondo assustou-os. Partia do portão da entrada. Entreolharam-se, apavorados.

Valdomiro logo recuperou a presença de espírito. Perdera a fé nos companheiros. Era a oportunidade de abandoná-los.

Investiu contra Mariana, e todo o seu ressentimento traduziu-se em violento murro, que a atingiu em cheio, no rosto. Ela desequilibrou-se e, na queda, bateu a cabeça na mesa, escorregando, inerte, para o chão.

Com um salto, Valdomiro atravessou a porta do corredor e, trancando-a atrás de si, precipitou-se para o quarto onde retinha os seqüestrados.

– Vamos! – gritou para as crianças aterrorizadas.

Agarrou a mão da menina e suspendeu o garoto junto ao peito. Berrou, selvagememente, para Ana Lúcia:

– Se resistir, atiro seu irmão contra a parede.

Não tencionava liquidar os garotos, pelo menos naquele momento. Seriam o salvo-conduto para a fuga. Arrastando Ana Lúcia e carregando o menino, correu para a garagem, saindo pela porta dos fundos da casa.

Empurrou-os para o banco traseiro do fusca, estacionado em primeiro lugar e cuja frente ficava junto ao frágil tabique dos fundos do barracão.

A chave estava no contato, como tivera o cuidado de deixar, na noite anterior. Acionou o motor e partiu bruscamente, atravessando o precário fundo de madeira.

O carro rodou, aos trancos e barrancos, pelo terreno acidentado, em direção ao lugar onde a cerca tinha sido derrubada por ele, preparando rota de fuga, à revelia dos companheiros. Se a chácara fosse atacada pelo portão, escaparia pela retaguarda.

Ganhou facilmente a estrada municipal e sentiu-se quase tranqüilo, enquanto desenvolvia a velocidade possível, na via de terra batida.

Deixara o problema para aqueles imbecis e para Mariana. Um sorriso maldoso crispou seus lábios. Perguntava-se como teria ficado o rosto dela, depois do terrível murro, dado com a força do ódio e a experiência de antigo boxeador.

A PROEZA DO ITAMARATI

Roberto, Beatriz, Zani, Rui e Jorge estavam calados, evitando movimentar-se, para não chamar a atenção dos bandidos.

Observaram, escondidos junto ao portão, Almeida conduzir o carro a uma distância de cento e cinquenta metros.

O motorista virou o pesado veículo, colocando-o de frente para o portão. Acelerou, para assegurar-se do arranque.

Roberto disse à moça:

– Não saia daqui. Se acontecer algo errado, corra ao boteco e peça ajuda.

Havia medo nos olhos de Beatriz.

– Cuidado, Roberto, muito cuidado.

O sorriso e o aceno dele foram animadores. O ruído forte do motor denunciou a partida. Agarrado à direção, Almeida apertava até ao fim o acelerador. O carro ganhou, em poucos instantes, velocidade, que aumentava sempre. Passou como bólido ao lado dos invasores, e chocou-se, com violência, contra o portão. Ele foi abaixo e o carro passou por cima.

Freou, com energia, e o veículo estacou, a dois metros da casa.

Saltou rapidamente e uniu-se aos companheiros. Roberto e Jorge, os mais encorpados, arremessavam-se contra a porta, que cedeu ao primeiro impacto dos ombros dos dois atletas.

Penetraram na casa, seguidos dos outros, e atacaram os três bandidos, ainda aparvalhados pela surpresa.

No chão, estirada, morta ou desacordada, estava a mulher.

Ouviu-se o grito de Beatriz, que se conservara ao lado do que sobrara do portão.

– Cuidado, Roberto. Um deles escapou com os meninos.

– Vai, Roberto – comandou Rui. – Damos conta destes.

O rapaz saiu para o jardim.

A PERSEGUIÇÃO

Roberto ouviu o ruído do motor do fusca. Correu para a garagem. Chegou tarde. Viu o carro arrebentar os fundos do galpão e sair ziguezagueando pelo terreno acidentado.

Não teve tempo para lamentar-se. Escutou, novamente, a voz de Beatriz:

– Depressa, Roberto!

Virou-se. A moça dirigira a Yamaha até perto dele. Afastou-se, para ficar na parte traseira do selim e insistiu:

– Vamos, rápido!

Roberto montou e lançou-se à perseguição do raptor, que perdera alguns momentos no terreno irregular, até chegar à estrada. O rapaz disse a Beatriz:

– Devia ter ficado. Pode ser perigoso.

Ela não respondeu. Apertou com maior firmeza os braços, em volta do tórax de Roberto, que dirigia com segurança e perícia. Quando entrou na estrada, avistou, ao longe, a nuvem de poeira levantada pelo fusca.

Aumentou a velocidade da moto, que se aproximou rapidamente do fugitivo. Ao chegar a trezentos metros de distância, moderou a marcha, mantendo o espaço entre os dois veículos.

Explicou:

– Não pretendo alcançar. Valdomiro pode estar armado e sair atirando. A intenção é apenas continuar a vigilância. Precisamos saber para onde conduz as crianças.

– Como sabe que se chama Valdomiro?

– Velho conhecido – garganteou. – o tal que vi encontrar-se com Alceu, no Bem-te-vi.

O receio de Roberto era infundado. Valdomiro não tivera tempo de apanhar a pasta onde levava o Taurus, calibre 38. Nunca o carregava no bolso ou no cinto. Conhecia o rigor da Polícia em relação às pessoas, com antecedentes criminais, que sejam encontradas com arma de fogo. E, naquele caso, deveria ter cuidado maior. Como explicaria a posse de arma, obtida em assalto a residência e de que resultara o assassinio de duas pessoas?

Portava apenas estilete, de que dificilmente se separava e já figurara em mais de um episódio sangrento.

Roberto diminuiu a velocidade numa curva, para evitar derrapagem na terra solta. Levantara-se nuvem de poeira. Quando superou a curva, estacou, bruscamente.

A alguns metros de distância, Valdomiro atravessara o carro, em passagem estreita. De um lado, barranco; de outro, desnível acentuado. Não lograria conduzir a moto além do obstáculo.

Virou a máquina e avistou a figura ameaçadora do bandido, bloqueando a rota de volta.

Segurava pelo braço o pequeno Luís e o ameaçava com o estilete. Acocorada junto ao barranco e acompanhando a cena com os olhos arregalados de pavor encontrava-se Ana Lúcia, a meio caminho entre Roberto e Valdomiro. Este continuava rindo.

– Por esta não esperava! Ser perseguido por dois moleques!

O moço recobrou-se da surpresa. Apesar de amedrontado, a voz soou firme:

– Não sou da Polícia, Valdomiro. Deixe os meninos e vá embora.

– Não já. Ordenou, bruscamente:

– Desmonte e deite a moto na estrada, senão acabo com o garoto.

Roberto obedeceu. Ele e Beatriz aguardavam, tensos; o bandido parecia divertir-se. Largou Luís, que correu para os braços da irmã. Recomendou:

– Quietinhos, ou passo a faca nos dois.

Dirigiu-se a Roberto, zombeteiramente:

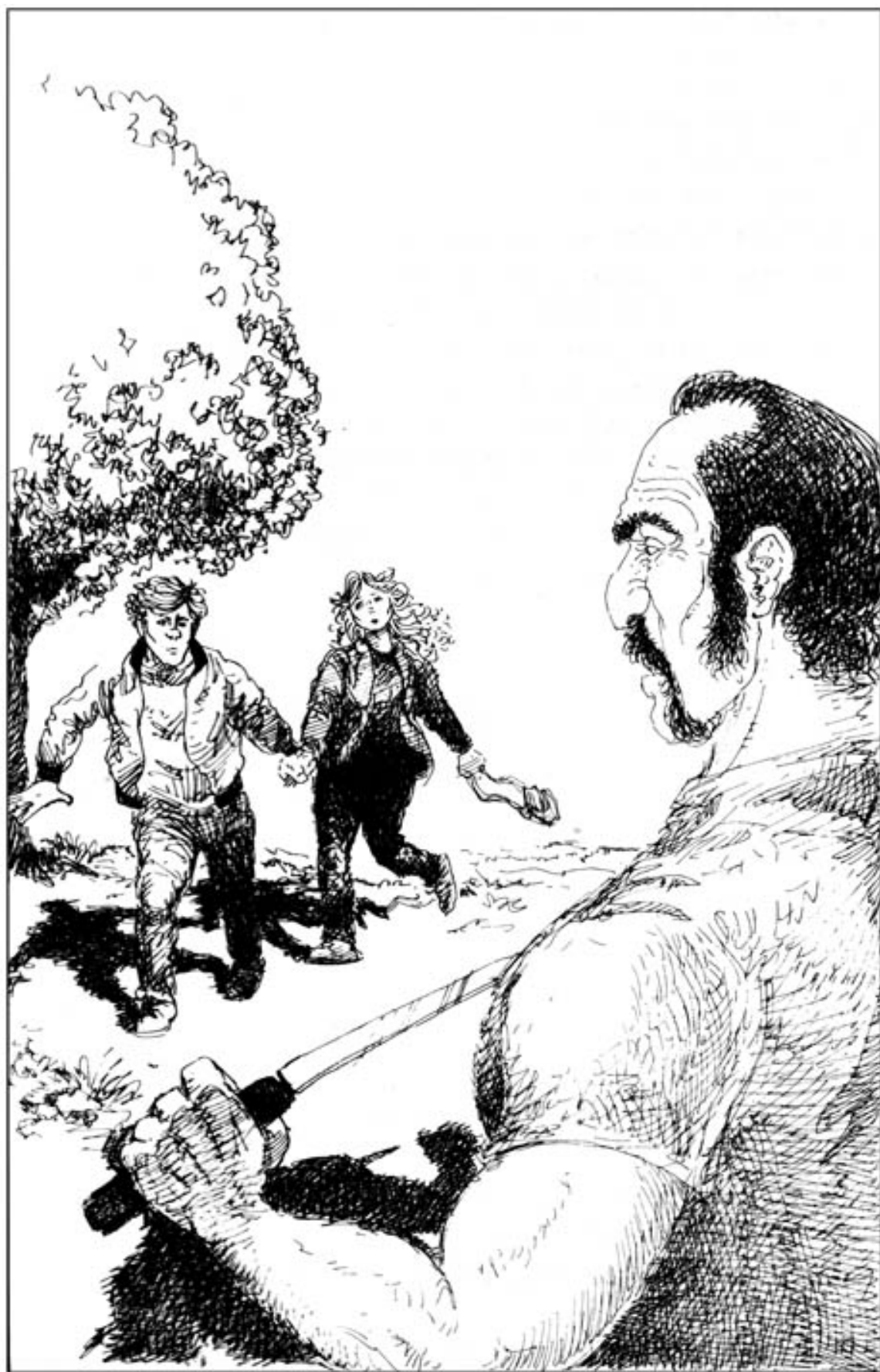
– Agora, vamos resolver nossa questão.

A GRANDE LUTA

Valdomiro avançara. Estava a oito metros de Roberto, que podia distinguir as feições grosseiras e cruéis do adversário.

– Já que resolveu perseguir-me, terá de provar que é homem, garotão. Sabe o que vou fazer? Muito simples. Liquido você e depois terei uma conversinha amistosa com sua companheira... Faremos boa dupla. Que tal, boneca?

Roberto empalidecera de ódio. Olhou para Beatriz. Também estava descorada, mas o olhar firme não revelava medo. Apertou a mão do rapaz. Ele murmurou:



*Roberto podia distinguir as feições cruéis do adversário:
— Já que resolveu perseguir-me, terá de provar que é homem, garotão.*

– Corra, fuja para o mato. Não deixarei que ele vá atrás de você.

Beatriz moveu negativamente a cabeça. Roberto compreendeu que ela não o abandonaria naquela terrível situação. Empurrou-a para o lado, porque o bandido investia, manejando o estilete, pronto para cair sobre ele.

A iminência do perigo restituiu a Roberto a frieza do lutador, experiente na perigosa arte do caratê. Colocou-se em guarda, fixando os olhos do adversário.

Valdomiro estava quase sobre ele, para o golpe fatal, quando o moço esquivou-se para o lado e vibrou certo pontapé na canela do agressor.

Valdomiro não esperava o revide. Perdeu o equilíbrio e foi ao chão, praguejando por causa da dor e também porque o estilete lhe escapara da mão, caindo longe, fora da estrada, desaparecendo no meio da vegetação.

Num segundo, Valdomiro recuperou-se para novo ataque. Já não zombava do adversário. Suas palavras revelavam raiva e preocupação.

– Sacana! Acabo com você, a socos. Ninguém reconhecerá sua carinha de menina.

Roberto tinha consciência de que sua chance estava em manter o inimigo afastado, aplicando-lhe golpes e evitando o corpo-a-corpo. O outro era muito mais forte. Teria uns vinte quilos mais de músculos. Já revelara terrível agilidade. Apesar de afastado das lutas do box profissional por mais de cinco anos, Valdomiro treinava sempre, instigado pela esperança de voltar ao ringue.

O problema de Roberto era tempo. Precisava prolongar a luta: o socorro estaria a caminho.

O novo ataque do criminoso também malogrou, em razão da rapidez da movimentação do moço, que adquirira confiança nas suas possibilidades. Parecia imaginar-se no ginásio do clube, em luta com adversário de categoria e sem qualquer outra preocupação. Procurava empregar todos os ensinamentos que recebera na cidade natal, completados nos treinos rigorosos, realizados no clube da Capital.

Conseguiu desferir, com o lado da mão aberta, golpe duro na altura dos olhos do bandido, tonteando-o. Mas ele se recobrava em poucos segundos, e voltava à carga, com redobrada fúria.

Valdomiro já dava sinais de cansaço, quando a sorte traiu Roberto.

Ao desviar-se, o pé esbarrou na moto e, desequilibrado, estatelou-se no chão.

Com um grito de vitória, o criminoso atirou-se sobre ele e as mãos poderosas empolgaram o pescoço do jovem, que, na queda, batera na moto, ficando atordoado.

Beatriz viu, desesperada, que o companheiro, depois de debater-se inutilmente sob o peso do agressor, perdia a capacidade de reação.

Olhando, desvairada, em torno, viu grande pedra, junto ao barranco. Correu, apanhou-a com dificuldade e aproximou-se dos lutadores, sem ser pressentida. Levantou a pedra, o mais alto que pôde, e deixou-a cair, na cabeça do bandido.

Ele apenas vacilou e, por instante, a moça apavorou-se, temendo que a pancada fosse insuficiente para afetá-lo, mas viu, em seguida, que a pressão no pescoço de Roberto afrouxava. Teve força para empurrar Valdomiro, que rolou na estrada, ficando com o rosto na terra.

Sem preocupar-se com o bandido, Beatriz ajoelhou-se, trêmula, chorando, ao lado de Roberto, cujas cores voltavam ao natural, mas continuava com olhos cerrados. Acariciando seu rosto, ela murmurava, soluçando:

– Por favor, Roberto. Por favor, querido, abra os olhos, não morra, meu bem.

Curvou-se e beijou-o, umedecendo-lhe o rosto com lágrimas. Ao levantar a cabeça, viu o sorriso do rapaz. Cessaram os soluços. Levantou-se, rápida, e acusou:

– Roberto Malta, você é um hipócrita, um judas. Viu meu desespero e fingiu estar morto ou desacordado, tanto faz. Não quero mais saber de você.

Nesse instante, Valdomiro mexeu-se. Ela gritou, apavorada:

– Cuidado, Roberto. Está voltando a si.

Virou-se imediatamente para o lado do bandido. Agarrou a pedra, que servira de arma a Beatriz, e, pondo o joelho nas costas do inimigo, comprimiu seu corpo contra o solo. Chegou a pedra junto à cabeça de Valdomiro e advertiu, com raiva:

– Se tentar levantar-se, arrebento o seu crânio.

O som da sirene pareceu a Beatriz música celestial, porque anunciava a chegada da Polícia.

A LIBERTAÇÃO E A CENSURA DE PESSOA

Pessoa e Frederico desceram correndo do carro. O repórter gritou, nervoso, para Roberto, que continuava mantendo Valdomiro imóvel, deitado no solo:

– Está bem, companheiro?

Deu um suspiro de alívio, quando Roberto levantou-se, deixando o bandido aos cuidados de Pessoa, que logo o algemou com as mãos para trás. A voz do inspetor-chefe era alegre e zombeteira.

– Mas que maravilha! Até que enfim reencontro o velho conhecido. Não prometi que acabaria pegando você? É verdade que a maior parte do trabalho foi feito por um garoto desarmado, para mostrar que você não é de nada. Tanto faz. Agora será para valer. Há provas para deixar você apodrecer atrás das grades.

Com um puxão violento, obrigou Valdomiro a levantar-se. Grunhiu de dor, mas não protestou. Perdera a parada. Começava a pagar. Era do jogo.

Beatriz correria para onde se encontravam Ana Lúcia e Luís. A menina não encontrava ânimo para mover-se. Estava exausta, apática.

– Vamos, querida. Está tudo bem. Daqui a pouco vai ver seus pais.

A menina continuava abraçada a Luís. Gentilmente, Beatriz puxou-o.

– Vi que é valente. Não teve medo daquele homem feio.

Luís olhou-a, gravemente, e disse:

– Acho que tive um pouquinho. Papai vem logo?

– Sem dúvida.

Valdomiro fora conduzido à viatura policial e ficara sob a vigilância do motorista e do guarda que acompanhara a diligência.

Seguindo as instruções de Pessoa, Beatriz conseguiu fazer com que Ana Lúcia se levantasse, conduzindo-a, com o irmão, até o fusca. Ao aproximar-se do veículo, a menina reagiu apavorada.

Beatriz acalmou-a:

– Não tenha medo. Ficaremos juntas. Este senhor – indicou Pessoa – é da Polícia. Foi mandado pelo seu pai. Vai dirigir o carro, levando você para encontrar-se com ele.

Pessoa estava preocupado. Murmurou, para Beatriz:

– Parece mal.

– Pudera! Depois do que passou! Não se impressione. Recupera-se logo. Bastará que veja os pais e repouse um pouco.

– Então vamos. O motorista já se comunicou com a central, que deve ter transmitido a notícia ao Doutor Tosta. Neste momento, a família do Doutor Januário já deve saber da grande notícia. Imagino a alegria de todos.

Roberto levantara a moto e a empurrara para junto de Beatriz e de Pessoa. Este olhou-os, com severidade.

– Vocês são muito loucos! Tenho até vontade de pôr os dois na cadeia. Não imaginam do que escaparam. Valdomiro é cruel e brutal. Não hesitaria em liquidá-los. E é forte como um touro.

Um arrepio agitou o corpo de Beatriz. Abandonando o tom ríspido, a voz do policial revelava carinhosa admiração.

– Foram magníficos; dois autênticos heróis. Mas não tentem uma segunda vez. A sorte raramente se repete.

O REPÓRTER EM AÇÃO

Pessoa ignorou o constrangimento dos dois. Sua atenção deslocara-se para a atividade desenvolvida por Frederico, que, tranqüilizado quanto às condições de Roberto, deixava-se absorver pela preocupação profissional. Já batera várias chapas fotográficas. Chegou-se ao grupo, dirigindo-se a Roberto.

– Sou realmente um burro. Devia ter apanhado um instantâneo de você, em cima do bandido. Seria uma foto de exposição, de prêmio!

Acrescentou, revelando falsa frustração:

– Ao invés disso, fui preocupar-me com as condições de um repórter de segunda categoria.

– Nem de segunda e nem de última categoria – objetou Roberto, rindo. – Ainda sou uma espécie de *office-boy*.

– Infelizmente, por pouco tempo – profetizou Frederico, rindo.

Continuou fotografando pessoas e aspectos do local. Desenhava-se, na sua imaginação, a reportagem sobre os acontecimentos que parcialmente vivera.

Estava feliz e entusiasmado. Ardia de impaciência. Ele e Roberto preparariam material que satisfaria até ao exigente e irritadiço Nunes. O secretário teria de reconhecer o mérito dos dois repórteres, embora soubesse, e isso não o aborrecia, que a glória caberia a Roberto.

Bateu a última foto de Valdomiro, algemado, entrando na viatura policial. Reuniu-se ao grupo formado por Pessoa, Roberto e Beatriz, que acabara de acomodar os dois meninos no fusca.

O rapaz indagou:

– E o Alceu?

– Conteí toda a história a ele – indicou Pessoa. – Destacou um investigador para ficar na cola daquele sem-vergonha. Está muito comprometido. Não ficará em *Notícias e Debates* e duvido que arranje emprego em outro jornal. É desonesto; não merece a mínima confiança.

Pessoa ajuntou:

– Não sofrerá apenas sob o aspecto profissional. Terá de prestar contas à Justiça. Foi, pelo menos, cúmplice no crime de Valdomiro e companhia.

Roberto viu Beatriz tomar lugar no fusca, ao lado de Ana Lúcia e de Luís. Pessoa instalara-se à direção e dava a partida. Roberto dirigiu-se à companheira.

– Como?! Vai abandonar-me?

– É o mínimo que poderia fazer, depois do seu procedimento inqualificável.

Pessoa encarou-a surpreso e Roberto tentou replicar, mas a moça virou ostensivamente o rosto e disse ao chefe dos investigadores, com expressão zombeteira, que desmentia a seriedade do protesto:

– Quando quiser, seu Pessoa, poderemos seguir. Há gente demais por aqui.

Acenou amistosamente para Frederico e nem olhou para o frustrado Roberto.

O QUE ACONTECEU NA CHÁCARA

Chegaram à chácara, ao mesmo tempo que a ambulância, chamada para transportar Mariana, cujo estado parecia grave. Não conseguia manter-se de pé.

Rui e companheiros saudaram alegremente Roberto.

– Que aconteceu, depois que larguei vocês?

Rui encolheu os ombros.

– Pouca coisa. Aqueles camaradas... Putz, como são frouxos! Juarez ainda acertou pontapé na barriga do único que ensaiou reação. Estirou-se, acovardado. Mandeí os outros sentarem no chão. Passei-lhes revista.

Somente um estava armado, de revólver e faca. Dos outros dois, pegamos apenas um estilete. Bandidos mixos. Não tentaram qualquer reação.

Ajuntou:

– Acho que ficaram aparvalhados pela surpresa do ataque e pelo que aconteceu com a mulher. Disseram que Valdomiro, sem mais aquela, desceu-lhe o braço, com vontade. Está mal. O marido, Rocha é o nome, prometeu vingar-se.

Indagou:

– E você, como se saiu?

Roberto narrou a perseguição e a luta. Almeida, que se aproximara, comentou, zombando:

– Puxa! Queria estar lá, não para ajudar você, é claro, mas para assistir e torcer pelo bandidão.

*

A ambulância retirara-se velozmente. O estado de Mariana agravava-se, exigindo atendimento hospitalar urgente. Os bandidos, algemados, aguardavam o carro de presos em que seriam conduzidos à Delegacia. Alguns habitantes da região tinham afluído, para assistir ao trabalho dos policiais.

– Devíamos dar o fora – sugeriu Roberto.

– Claro – aprovou Frederico. – Seguiremos diretamente para a redação. Precisamos levar o noticiário. Nunes foi avisado. Sabe que estamos aqui. Se nos demormos, começará a temer que outro jornal receba antes a reportagem. Orgulho profissional. O mau humor se agravará e teremos de ouvir insultos e acusações.

Ajuntou:

– Pessoa falou com o Secretário da Segurança. Fez seu cartaz, menino. Amanhã estará famoso, mas, herói ou não, ouvirá o diabo do Nunes, se atrasar.

Roberto coçou a cabeça, encabulado. Voltou-se para os companheiros de clube.

– Não sei o que acontece com vocês, mas estou com uma fome! Vamos embora, mas paramos na primeira lanchonete e comemos um bom sanduíche. Que tal? Ainda tenho dinheiro...

Riu, antes de acrescentar:

–... da Beatriz. Vou ver se ela já acomodou as crianças.

Antes de afastar-se, indagou de Almeida:

– Como ficou o seu "Rolls Royce"?

– Jóia, garoto, salvo pequenos arranhões. Umas marteladas e outras tantas pinceladas e ninguém descobrirá que foi o verdadeiro herói desta embrulhada.

– A despesa que houver...

– Já sei: você paga, só para mostrar que é rico.

Roberto dirigiu-se ao fusca para falar com Beatriz, que fazia companhia a Ana Lúcia e Luís, ambos em franca recuperação. Enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

– Posso entrar?

– Acho que já entrou – respondeu Beatriz.

– Ainda muito zangada?

Olhou-o, sorrindo.

– Devia, mas a raiva diminuiu.

– Então volta comigo?

Fitou-o, zombeteira.

– Somente por precaução. Preciso tomar conta da moto de meu irmão. Já demonstrou que não merece confiança.

Despediram-se de Pessoa, resistindo à insistência para que aguardassem os pais dos meninos. Doutor Januário e a esposa estavam chegando.

SURGE O NOVO REPÓRTER

Vinte minutos depois, Roberto e Beatriz separavam-se dos companheiros, à porta da lanchonete. Combinaram encontrar-se no clube, na manhã seguinte.

Retomaram a viagem para São Paulo. Iriam à casa de Beatriz; em seguida, deixando a moto, Roberto seguiria para o jornal.

Rodava sem pressa. Desfrutava da felicidade de estar bem junto de Beatriz. Protelava o regresso. Sentia o corpo da moça colado às suas costas, a cabeça encostada suavemente no ombro. Os cabelos da companheira, agitados pelo deslocamento do ar, afagavam seu rosto.

Lembrou-se da habilidade demonstrada pela companheira para dirigir a motocicleta, no início da perseguição a Valdomiro.

– Não disse que também é motoqueira.

– O meu primo é bom companheiro e sabe. Ensinou-me.

Na inflexão da voz, havia uma ponta de malícia.

Roberto resmungou:

– Decididamente, não gosto desse cara.

Beatriz sorriu e chegou mais a cabeça ao pescoço do rapaz.

*

Eram quase sete da noite, quando chegou à Redação. Ao passar junto à mesa de Frederico, este murmurou, divertido:

– Cuidado. O velho está queimando.

Não teve tempo para replicar. Ouviu a interpelação ríspida de Nunes:

– Por que demorou? Na certa perdia tempo, paquerando por aí. Não sabe que tem trabalho pra fazer? Essa mocidade irresponsável!... – lastimou-se, desalentado.

A tentativa de explicação foi cortada pela voz irritada do secretário:

– Não quero desculpas. Faça a reportagem. A mesa e a máquina do salafrário do Alceu ficam para seu uso.

Não acreditou no que ouvira. Ficou parado, surpreso. Recebia muito mais do que poderia esperar. A advertência mal-humorada significava promoção a repórter.

– Ande, Roberto. Até parece que andou bebendo! Rápido, ao trabalho. O moço dirigiu-se, algo nervoso, à sua nova mesa. Não percebeu o sinal de Nunes, para que Frederico o auxiliasse.

Bem orientado pelo colega, concluiu logo a sua primeira reportagem. Quando sugeriu título e subtítulos para o trabalho, Frederico avisou:

– É função de Nunes. Considera-se o único jornalista, no mundo, capaz de titular, prestigiando a matéria.

Concluiu divertido:

– Deixe o velho curtir a ilusão. A loucura é inofensiva. Entregue os originais e aprecie o nosso grande secretário agir.

De esferográfica em punho, riscando, emendando e acrescentando, Nunes examinou as quatro laudas datilografadas.

Olhou por cima dos óculos, pendurados na ponta do nariz fino, e comentou:

– O assunto merecia coisa melhor, mas... serve. Chamou o novo repórter, que se mostrava meio frustrado.

– Frederico disse que você teve que gastar algum dinheiro com a reportagem.

– A secretária da Publicidade emprestou-me três mil cruzeiros.

– Mau, mau – comentou Nunes, com desgosto. – Já começou a tomar dinheiro da namorada!

Roberto ficou vermelho de vergonha e de raiva, mas Nunes não lhe deu tempo para protestar.

– Deixe de prosa. Faça o vale das despesas, receba o dinheiro e caia fora.

Chamou o motorista de plantão e ordenou que o carro da reportagem levasse Roberto à pensão. Este tentou recusar.

– Bobagem – replicou o secretário. – Está mais morto do que vivo, de cansaço. Mas não se acostume.

Roberto teve, então, plena consciência de como se achava exausto. Vivera o dia mais movimentado e emocionante de sua vida. Arrojara-se às incertezas excitantes da aventura, avistara a face macabra da morte e contara sempre com Beatriz, para animar e ajudar.

Sorriu, ao recordar-se da figura graciosa e resoluta, dos olhos claros e luminosos, irradiando entusiasmo e otimismo. Pensou em telefonar-lhe, contar a boa nova da promoção, ouvir suas expressões de alegria. Mas ela estaria extenuada. No dia seguinte...

A voz irritada de Nunes interrompeu o devaneio.

– Parece drogado! Mova-se, não quero você, na Redação, hoje, nem mais um minuto. Rua.

Roberto precipitou-se para a porta, meio assustado, causando risos aos companheiros.

Na pensão, atirou-se vestido na cama. Os olhos fecharam-se quase de imediato. Só acordaria na manhã seguinte.

*

Saltou da cama apressado e discou para a moça.

– Tentava telefonar-lhe – disse ela. – Viu *Notícias e Debates*?

– Acabei de acordar.

– Pois ouça. Manchete da primeira página: "Repórter do ND salva os filhos do Secretário da Fazenda"; no fim: "Reportagem de Roberto Malta".

O entusiasmo de Beatriz comoveu-o.

– Está célebre! – continuou ela. – Há duas fotografias suas. Receberá medalha ou diploma, não ficou claro.

Roberto mal podia falar.

– Quanto exagero! Se não fosse você, haveria um office-boy de menos, no mundo.

– Puseram minha cara, também.

– Vi a fotografia ontem. O original é muito melhor.

Ouviu o riso dela e acrescentou:

– Vou apanhar você, para irmos ao clube.

O SENTIMENTALISMO DE NUNES

Nunes conversava com Frederico, à janela da sala da diretoria. Aguardavam que o diretor terminasse o editorial, para tratar da situação de Alceu.

Depois da explosão indignada de repulsa, o velho Nunes começava a fraquejar. Procurava argumentos para tornar menos drástica a reação contra o mau caráter. Dizia:

– Precisamos ter calma; nada de solução apaixonada. Ele pode não prestar, mas imaginou o que acontecerá à mulher e aos dois filhos, se for para a cadeia?

Frederico acusou-o, zombeteiramente:

– Você é um falso carrasco. Na primeira hora, quer matar, esfaquejar, mas logo depois começa com panos quentes. Acabará recomendando aumento de salário para o malandro.

– Não seja cretino. Ele errou e terá de pagar, mas nada de exageros que prejudiquem terceiros, inocentes.

– Nunes, lamento dizer, mas você é um velhaco. Com esse palavreado maroto você quer apenas me convencer a apoiá-lo, na tentativa de reduzir as conseqüências das atitudes de Alceu.

Ignorando a tentativa de protesto, acrescentou:

– Está bem, amigo. Não se dirá que o abandonei nessa empresa ingrata e perigosa.

Nunes mudou de assunto. Conseguiu o que desejava.

– Ainda me enervo, quando penso no perigo que correram Roberto e Beatriz. Dois tontos. Deviam...

– Já ouvi isso. Deviam chamar a Polícia, pedir auxílio, etc. Mas não agiríamos da mesma forma, se estivéssemos na quadra gloriosa dos vinte anos?

Naquele momento, avistaram os dois jovens deixarem, sem pressa, o edifício do jornal. Conversavam animadamente. A poucos metros da porta, detiveram-se, porque Beatriz quase perdera o fôlego de tanto rir, a uma observação do companheiro.

O foco de iluminação pública banhou seus rostos, que revelavam alegria e entusiasmo. Nunes e Frederico calaram-se fascinados pela cena. O secretário rompeu o silêncio.

– Viu um filme, parece-me que tcheco, chamado "*Era uma vez um gato*"?

– Seria "Um dia, um gato"?

– Tanto faz.

– E daí?

– Lembra-se de que, por influência do tal gato mágico, as pessoas afetadas pelo amor eram vistas avermelhadas?

– Sim, eu me lembro. Filme maravilhoso.

– Tenho a impressão de que aquele par – indicou Beatriz e Roberto, que se afastavam vagarosamente – é todo vermelho.

Frederico olhou surpreso para Nunes e estalou sonora gargalhada.

– Não é que Nunes, o terror dos infelizes companheiros de trabalho, esconde sob a máscara de neurastênico um temperamento deliciosamente romântico?!

O secretário encabulou, por instante. Recuperou-se, logo, e a reação brotou, violenta:

– Ora, vá... O palavrão rolou com toda a eloquência, testemunhando a fúria e o acanhamento do secretário e chamando a atenção do diretor, que abandonou a correção do editorial.

Frederico não refreava o riso, que teve logo a adesão do próprio Nunes e do diretor. Ele apreendera, parcialmente, o motivo da hilaridade.



Olhando a cena dos dois, Nunes lembrou-se da cena de um filme em que as pessoas afetadas pelo amor eram vistas avermelhadas.

*** FIM ***